

## **4 Análise**

Esse capítulo está estruturado em três tópicos, cada um avaliando um aspecto diferente relacionado ao individualismo junto aos entrevistados. O primeiro deles avalia a questão da independência, o segundo a da competitividade e o terceiro, a da centralidade.

### **4.1.Independência**

A independência representa uma das principais características do individualismo (Triandis, 2001; Watson e Morris, 2002; Fischer, 2008). Em contextos individualistas, a pessoa tende a agir de forma autônoma em relação ao grupo e a usufruir de liberdade para adotar comportamentos e identidades sem que necessite da aprovação de seus pares. Em geral, o indivíduo segue diretrizes regidas por seus valores internos e, em última instância, guia-se por regras da sociedade como um todo, não de um grupo específico. Esse comportamento é decorrência do fato de, num contexto individualista, as pessoas terem acesso à maior liberdade de escolha (Cavalcante, 2004).

Para avaliar a independência da geração Y, a análise desse tópico, foi dividida em duas categorias:

A primeira categoria avalia a auto-suficiência. Para os objetivos desse estudo, auto-suficiência foi definida, na seção 3.5, como “tirar proveito dos diferentes meios disponíveis com o objetivo de adquirir autonomia”. Pretende-se investigar se há sinais de que a geração Y conduza sua vida de forma independente, ou seja, se ela busca liberdade para administrar o seu dia a dia e se tende a fazer as coisas da sua maneira. Na verdade, busca-se compreender se ela utiliza instrumentos para alcançar a auto-suficiência, atingindo seus objetivos sem necessitar de auxílio de terceiros.

A segunda categoria avalia a singularidade. Buscar singularidade foi definido como “formar a identidade a partir da própria seleção entre as diversas atitudes e comportamentos disponíveis” (seção 3.5). Para isso, investigou-se a suposição de que a geração Y tem acesso a mais opções de arranjos familiares, grupos de interesse e carreiras profissionais do que as gerações anteriores e, caso tenha, se ela efetivamente usa esse acesso para criar uma identidade singular.

#### 4.1.1. Auto-suficiência

Nesse tópico, serão avaliados seis aspectos relativos à auto-suficiência: a atitude profissional, a vida afetiva, a vida social, o lazer, o consumo e a busca de informações sobre atualidades.

Cabe lembrar que, em relação ao primeiro aspecto – a atitude profissional dessas pessoas – Howe e Strauss (2000) e Lancaster e Stillman (2005) afirmam que a geração Y tende a ter uma formação acadêmica mais extensa do que as gerações anteriores. Dessa forma, postergam algumas atribuições da vida adulta, como carreira e casamento (Twenge, 2006). De fato, a fala dos entrevistados reforça essa busca por uma formação acadêmica mais duradoura. Para uma das entrevistadas, seus amigos se preocupam em estender sua formação depois da universidade, com cursos de pós-graduação:

*Todo mundo faz, hoje em dia todo mundo faz. (Teresa, 27 anos)*

A mesma percepção é compartilhada por Luciano, para quem, desde cedo, já é comum buscar maior nível de escolaridade:

*Aí vê: o cara que tem 24 anos, já terminou a faculdade, tá fazendo o mestrado, tá procurando isso, tá procurando aquilo, caramba!*

Ainda em relação à formação acadêmica, alguns entrevistados também destacam que as carreiras universitárias oferecidas hoje são mais diversificadas do que antes:

*Agora tem faculdade até de gastronomia, culinária. Tem faculdade de tudo. Faculdade de esporte, pro cara que quer abrir uma academia. (Juliana, 29 anos)*

De fato, a variedade de opções disponíveis é maior hoje do que era no passado. Cursos de graduação reconhecidos pelo Inep (Instituto Nacional de Educação Profissional)<sup>18</sup>, como Economia Doméstica, Naturologia, Gastronomia, Horticultura, Tecnologia em Produção de Cachaça e Artes Líricas são uma amostra da variedade de carreiras oferecidas aos membros da geração Y, impensável para as gerações anteriores. Dessa forma, os indivíduos dessa geração são capazes de desenvolver carreiras diferenciadas, aumentando a diversidade de opções profissionais e, em consequência, aumentando as chances de atuar em áreas diversas.

Outra característica associada à independência profissional é o hábito de usar a Internet para se manter atualizado em relação ao mercado de trabalho, bem como para estar disponível para ofertas profissionais. Isso parece ser feito, prioritariamente, pelo *site* LinkedIn<sup>19</sup>:

*Sabe aquele LinkedIn? Esse é muito importante hoje em dia no mundo. Já me contataram por ali uma vez (Bernardo, 26 anos)*

De fato, essas pessoas, além de se manterem conectadas ao mercado, não costumam estreitar os vínculos com as empresas, ficando pouco tempo em cada lugar, a fim de conhecer diversas áreas de atuação. Ao fazerem isso, elas pretendem construir uma formação variada:

*Você cansa, sabe? Você quer mudar, quer ver outro produto, segmento, trabalhar em outra empresa, não só o produto, mas você quer mudar (Bernardo, 26 anos)*

Um ponto ainda a ser levantado em relação à independência profissional é a questão das mulheres no mercado de trabalho. Apesar de não ser uma característica específica dessa geração, afinal não é nova a inserção das mulheres nesse mercado, essa situação vem sendo percebida como cada vez mais corriqueira. Entre as mulheres, há quem lamente a falta de tempo e a jornada tripla, mas, ainda assim, reconhece que a entrada feminina nesse mercado é uma fonte de independência e autonomia. Dessa forma, a percepção da auto-suficiência feminina vem crescendo, com as mulheres cada vez mais voltadas para sua própria vida profissional e, muitas vezes, deixando aspectos familiares de lado. Nara vê a questão da seguinte forma:

---

<sup>18</sup> <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>, acessado em 05 de fevereiro de 2011

<sup>19</sup> <http://www.linkedin.com/>

*O que eu vejo é essa coisa da mulher entrando no mercado de trabalho cada vez mais, essa independência... hoje em dia, as mulheres estão muito mais independentes.*

O segundo aspecto a ser analisado é sua vida afetiva. De maneira geral, essas pessoas adiam seus casamentos, podendo usufruir mais oportunidades antes de começar uma família. Agindo dessa maneira, conservam sua independência e o controle de suas vidas por mais tempo. Mesmo quando casados, alguns adotam formas de diminuir a dependência em relação ao parceiro. Augusto conta como ele e sua esposa cultivam sua independência ao usufruírem de quartos diferentes. Segundo o entrevistado, isso propicia que eles tenham horários e aparelhos de TV distintos e possam encontrar-se quando lhes convém.

*Você pode muito bem ter um casal que o cara faz uma coisa e a mulher faz outra coisa. Por exemplo, eu tenho quarto separado – eu tenho liberdade de pensamento, tenho liberdade de escolha, sabe?*

Do ponto de vista das mulheres, a independência financeira feminina também é apontada como outro gerador de mudanças nas relações familiares. Nara se percebe com menos tolerância e vê o mesmo nas outras mulheres. Para ela, a independência feminina afeta a disponibilidade para a família e, muitas vezes, o desejo de ter filhos:

*Ninguém nem pensa em filho, todo mundo assim, comprando seu apartamento, focada no trabalho.*

Mesmo estando casada, Nara sente falta de maior independência. Acostumada a viajar de férias com o marido, optou esse ano por um programa diferente e fazer uma viagem com uma amiga. Afirma que está cansada da rotina e da sobrecarga a que se vê exposta:

*Eu falei “Olha só, você não ta entendendo, eu quero fazer alguma coisa pra mim, eu não quero ir com você”. Eu quero férias da minha vida!*

O terceiro aspecto é a vida social. Jardim (2004) e Podoksik (2010) afirmam que pessoas individualistas tendem a transitar em vários grupos, evitando estabelecer fortes vínculos com qualquer um deles. Essa característica confirma-se junto a alguns dos entrevistados, que alegam fazer parte de diversos grupos, mantendo a sensação de não pertencer a nenhum deles de forma específica. Ao transitar por vários grupos, adquirem liberdade para escolher

onde e quando vão encontrar as pessoas, usufruindo de mais opções nos relacionamentos sociais:

*Você pode participar de vários grupos e, na verdade, não fazer parte de nenhum deles. (Amanda, 29 anos)*

As redes sociais são percebidas como um facilitador desse comportamento, uma vez que permitem que se mantenha uma quantidade de amigos maior e em localidades mais afastadas:

*Se eu tivesse que mandar carta ou tivesse que fazer algum tipo de comunicação que não a eletrônica, eu não teria ou essa quantidade de amigos espalhada ou a quantidade de comunicação que eu tenho. (Rogério, 34 anos)*

Outra facilidade que a Internet vem oferecendo é a possibilidade de encontrar diferentes grupos de interesse. Com isso, não se depende mais de um grupo de referência para se fazer o que se deseja, basta entrar na Internet para que se tenha rápido acesso a pessoas que tenham os mesmos objetivos:

*Se teu grupo de convivência não tivesse alguém interessado em fazer aquilo, você dificilmente conseguia alguém para fazer. Hoje não, hoje você consegue achar os grupos de interesse. (Augusto, 30 anos)*

Oscar, por exemplo, mudou-se de Porto Alegre para o Rio de Janeiro há pouco mais de um ano. Um pouco antes de sua vinda, começou a usar as redes sociais. Para ele, de certa forma, as redes sociais permitem que as pessoas se sintam acompanhadas mesmo quando estão sozinhas, uma vez que mantêm contato constante umas com as outras:

*Acho que é mais fácil se sentir junto do bando assim, é só tu entrar na home do Facebook e tu sabe o que estão fazendo as pessoas.*

Para alguns, a internet também funciona como forma de conhecer pessoas. Larissa, por exemplo, afirma já ter feito amigos com os quais se relaciona hoje que conheceu pela internet:

*Eu tinha tipo um profile que falava um pouco de mim, então tem algumas pessoas que são meus amigos até hoje que eu conheci pela internet.*

Outro ponto relativo à vida social é a forma como a geração Y se comunica. A primeira questão relacionada à comunicação é a popularidade do celular entre essas pessoas (Pew Research, 2010; Dossiê Universo Jovem, 2004 e 2008). O celular é um telefone que substitui o telefone de casa – deixa de ser o telefone da família ou do escritório para se tornar o telefone do indivíduo. A

segunda questão é a prioridade que dão à troca de mensagens no celular em detrimento da conversa por voz (Pew Research, 2010, Gronbach, 2008). Essa preferência, também observada junto a alguns entrevistados, é atribuída à rapidez e à praticidade que a troca de textos oferece, bem como à possibilidade de responder às mensagens quando for mais conveniente. Tais facilidades atribuem conforto e comodidade à comunicação, oferecendo ao usuário controle para escolher o momento de entrar em contato com o outro e liberando-o da necessidade de se prender a uma conversa. O mesmo acontece com as redes sociais, em que se fala rapidamente e não se espera que haja uma resposta instantânea, como em uma conversa pelo telefone:

*As pessoas não têm mais aquela urgência de ter que resolver tudo na mesma hora. Fica aquela janela aberta lá e quando quiser responde. (Flávio, 30 anos).*

O quarto aspecto é a forma como usufruem do lazer. Com acesso a informações diversas e personalizadas pela internet, têm a possibilidade de escolher o que vão fazer nas férias ou a que hobbies vão se dedicar sem a necessidade de procurar um especialista no assunto escolhido. Hotéis, transportes, alimentação, pontos de interesse, tudo pode ser pesquisado sem a necessidade de recorrer a alguém:

*Antigamente, você ficava dependendo de alguém que já foi pra te passar alguma informação. Hoje em dia, você acessa internet, em meia hora de pesquisa você acha 90% das informações que você precisa pra viajar pra qualquer lugar. (Carlos, 28 anos)*

Além disso, os aparelhos de MP3 exercem freqüentemente o papel de companheiros, permitindo que atividades que, no passado, eram tediosas tornem-se mais agradáveis, mesmo quando feitas sem companhia.

Outra característica que permite que o lazer seja usufruído de forma independente são as redes sociais, que representam uma ferramenta para as pessoas se manterem em contato com os amigos ou os parentes mesmo quando estão afastadas. Assim, pode-se, por exemplo, viajar sozinho e não sentir a insegurança de estar isolado das pessoas mais próximas. Da mesma forma, a maior facilidade de manter as relações com pessoas em locais afastados aumenta a variedade de opções quando se quer viajar ou levantar informações de outros lugares.

*Ela tá sem o acompanhante físico, mas tá viajando e tá de 10 em 10 minutos postando informação e pegando os comentários. Isso tira o medo de muita gente (Carlos, 28 anos)*

Larissa, por exemplo, sente-se extremamente confortável saindo e viajando sozinha:

*Eu fui pra Fernando de Noronha, sozinha, você acredita? Outro dia eu tava com vontade de comer uma comida mexicana, sentei ali no restaurante sozinha, comi, voltei pra casa feliz da vida.*

A forma de ver TV também vem se tornando mais independente, já que esse é um eletrônico que vem adquirindo cada vez mais características de um aparelho individual. A TV é percebida, hoje, como estando dentro do quarto de cada um, deixando de ocupar o papel anterior de agregador da família:

*A pessoa tem uma TV de 60 polegadas pra assistir sozinha em casa, enquanto nos anos 60 você tinha uma televisão só pequenininha em casa e a família inteira assistia junta (Rogério, 34 anos)*

Quando em formatos menores, a televisão pode se encontrar atrelada, algumas vezes, até ao telefone celular. Dessa forma, cada pessoa vê o programa que mais lhe interessa.

Outra característica de independência na forma de ver TV são os *downloads* de filmes e séries, que permitem ao usuário assistir ao programa que desejar quando desejar.

O quinto aspecto a ser abordado é a questão do consumo. Já avaliada em relação à vida profissional, social e ao lazer, a busca de informações na internet também influencia a forma de consumir. *Sites* como Buscapé, Boa Dica ou Bondfaro<sup>20</sup>, que oferecem informações sobre preços de diversos produtos e serviços, bem como avaliações de usuários e informações técnicas, são mencionados pelos entrevistados. Sua consulta permite que a pessoa possa pesquisar o que precisa sem ter que procurar um vendedor ou um especialista no assunto:

*Quero saber algum restaurante legal, às vezes eu entro. Procurar sobre algum aparelho, eu entro. Quando eu troco o pneu, eu tenho que fazer balanceamento, então eu entro lá e pesquiso (Bernardo, 26 anos)*

*Eu quero comprar alguma coisa eu não vou até a loja e não ligo pra loja. Pesquisa muito na internet preço. (Juliana, 29 anos)*

---

<sup>20</sup> <http://www.buscape.com.br/>, <http://www.boadica.com.br/> e <http://www.bondfaro.com.br/>, respectivamente.

De fato, a geração Y tende a comprar pela internet (Meredith, Schewe e Karlovich, 2002). Assim afirmam alguns entrevistados. Esse processo inclui, além da busca de preços, informações sobre melhores marcas, reclamações sobre lojas e fabricantes, características de funcionamento de produtos e serviços e tantas outras informações. Quando querem resolver um problema ou mesmo se dirigir a algum lugar que não lhes seja familiar, as pessoas da geração Y tendem a recorrer à internet em detrimento de terceiros.

*Como chegar a Bonsucesso? Tava lá, o ônibus que eu tinha que pegar, quanto que ia demorar pra chegar lá... (Michele, 30 anos)*

O sexto e último aspecto diz respeito à busca de notícias. Adeptos de portais de notícias, alguns entrevistados declaram buscar suas informações sobre atualidades de maneira customizada, principalmente em portais como G1<sup>21</sup>. Outros preferem ainda não depender das redes de notícias e optam por receber informações através das redes sociais. Para Teresa, as informações disponíveis no *Twitter* são mais atuais do que as dos *sites* oficiais de notícia:

*O Twitter é a maior fonte de informação que existe, muito melhor do que qualquer portal de notícia. Eu sigo a Cet-Rio, e sigo o Twitter Lei Seca. A Lei Seca posta acidente e tal. Um minuto, a Cet-Rio: acidente.*

Portanto, não só em relação à forma como as pessoas dessa geração conduzem aspectos da vida pessoal – como trabalho, lazer e vida social – como também à maneira de usar a internet – tanto para consumo como para informação – a geração Y tende a fazê-lo de forma autônoma.

Em um breve resumo, foi visto nesse tópico que, no trabalho, os entrevistados tendem a desenvolver uma formação acadêmica mais abrangente e a não se fixar em uma empresa específica. Na vida pessoal, alguns preferem manter suas atividades independentes, mesmo depois de casados. Em relação ao lazer, desenvolvem a possibilidade de executar mais atividades por conta própria. Na vida social, tendem a cultivar muitos amigos, aumentando suas opções de relacionamento e diminuindo a dependência de grupos específicos.

Por sua vez, a internet dispensa figura do vendedor ou do especialista. Com acesso a maior variedade de informação do que havia no passado, essa geração está habituada a cuidar de todo o processo de compra e a escolher as

---

<sup>21</sup> <http://www.globo.com/>

informações sobre as quais deseja estar atualizada sem que precise do auxílio de outras pessoas.

Dessas conclusões, derivam as duas primeiras proposições desse estudo. A primeira considera que a geração Y tende a fazer suas coisas de forma não padronizada. Em outras palavras, são pessoas que preferem fazer as coisas à sua maneira. Portanto,

Prop. 1a) A geração Y busca liberdade para administrar sua própria vida

A segunda proposição leva em consideração que, além de conduzir seus assuntos de forma individualizada, a geração Y busca, principalmente por meio das tecnologias disponíveis, formas de satisfazer suas necessidades e desejos sem que precise da interferência de outras pessoas ou da ajuda de especialistas. Levanta-se, portanto, a segunda proposição:

Prop. 1b) A geração Y busca instrumentos para alcançar auto-suficiência

Essas proposições caracterizam o primeiro aspecto levantado em relação à independência dos integrantes da geração Y:

**AUTO-SUFICIÊNCIA**

#### **4.1.2.Singularidade**

A segunda categoria de análise a respeito da independência da geração Y é a singularidade. Esse estudo definiu “buscar singularidade” como “formar a identidade a partir da própria seleção entre as diversas atitudes e comportamentos disponíveis” e avaliou quatro aspectos relacionados a esse atributo: a atitude profissional, a aparência, a vida afetiva e a vida social. Investigou-se a existência de acesso a escolhas diferentes em cada um desses aspectos, bem como se os membros da geração Y usufruem dessas possibilidades de escolha para realmente formar uma identidade singular

A escolha da singularidade para compor a análise de independência se deu por essa ser outra característica freqüentemente associada ao

individualismo. Em sociedades individualistas, o indivíduo tem liberdade para estabelecer sua identidade de forma autônoma, dispondo de uma gama de opções maior e exercendo essa opção. Em outras palavras, em uma sociedade individualista, não há a demanda por se parecer com um grupo específico – o sujeito cria sua identidade a partir das escolhas individuais que faz dentre diversas opções de comportamento a que tem acesso. Segundo Triandis (2001), em ambientes mais complexos, tende-se ao individualismo, já que a pessoa tem mais escolhas à sua disposição.

Por outro lado, muitos autores que discorrem sobre a geração Y destacam o fato de, por terem acesso a tanta informação e, portanto, estarem inseridos em uma sociedade multicultural, seus integrantes apresentam maior tolerância à diversidade.

Howe e Strauss (2000) afirmam que “nenhuma outra geração de crianças norte-americanas jamais pegou tanto emprestado de tantas culturas diferentes da sua”. Meredith e Schewe (2007) apontam que eles são mais diversificados do que o resto da população, já que cerca de um terço são minorias, em comparação com um quarto da população em geral. Segundo os autores, “como eles cresceram entre pessoas de várias raças e religiões, eles não tendem a considerar ser diferente como um ponto negativo. Mesmo a definição de família é diferente para esse grupo. Ela agora inclui casais homossexuais, pais solteiros e irmãos de diferentes origens raciais. Em comparação com as gerações mais velhas, eles tendem a andar com grupos muito mais diversificados de amigos. Essa diversidade inclui não só amigos de outras raças, mas também de outros grupos sócio-econômicos.

Lancaster e Stillman (2002) compartilham essa visão, ao afirmar que “um dos traços definidores dos *Millennials* é a valorização da diversidade – afinal, têm sido expostos a muitos tipos de pessoas diferentes através de viagens, da creche, da tecnologia e da mídia”. Mais adiante, acrescentam que, para essa geração, perguntar sobre raça ou religião é tabu.

Gronbach (2008) considera a tolerância e a diversidade duas das maiores mudanças culturais deixadas como legado pelos *Boomers*. E inclui nessa tolerância não só ser diferente ou se parecer diferente, mas também pensar diferente.

Mesmo Twenge (2006), que costuma adotar uma postura mais crítica e rigorosa em relação a essa geração, cede quando o tema é tolerância: “É um

mantra que a Geração Me tem ouvido repetidas vezes. E absorveu a lição de tolerância junto com sua comida de neném – não apenas em relação à raça e religião, mas orientação sexual, crenças, sentimentos, e todo tipo de questões intangíveis”.

Em relação à singularidade, ou seja, a identidade criada de forma original e independente, os entrevistados desse estudo têm percepções semelhantes às dos autores citados.

O primeiro aspecto a ser avaliado é a atitude profissional, no que diz respeito à carreira. Uma característica profissional que demonstra a variedade de opções a que a geração Y tem acesso e sua postura em relação a essas opções é a mobilidade que essas pessoas têm depois de formadas. Esse é um fato percebido e citado por alguns dos entrevistados. Twenge (2006) afirma que os integrantes da geração Y tendem a definir suas carreiras mais tarde do que os das gerações anteriores, usando a fase dos 20 aos 30 anos como um período de experimentação. De fato, a percepção de alguns entrevistados é de que, no passado, as pessoas definiam suas carreiras se especializando mais rapidamente em atividades específicas, diferentemente das pessoas de sua geração, que buscam variedade de experiências. Lancaster e Stillman (2002) definem a geração Y, profissionalmente, como pessoas multitarefas, que “seguem vários caminhos e aprendem várias atividades/trabalhos ao mesmo tempo e os executam de forma admirável”:

*Tem um amigo meu que é um dos melhores repórteres esportivos do Brasil. Se ele for fazer qualquer outra coisa na vida, ele vai passar fome. Já a geração mais nova, tem amigo meu saindo de rádio e vai pra televisão, um saindo de TV pra ir pra jornal, tem um saindo rádio vai pra jornal....(Flávio, 30 anos)*

De fato, foi defendido por alguns dos entrevistados que o profissional mais valorizado atualmente é aquele que tem conhecimento sobre vários assuntos e é capaz de encontrar solução para problemas diversos

*“Faço porta como ninguém”, o quê que adianta? Preciso de um cara que saiba fazer uma porta, uma mesa, uma cadeira, entendeu? Não precisa ser a melhor porta do mundo (Augusto, 30 anos)*

Em relação à mobilidade geográfica, Valéria e o marido, por exemplo, têm planos de se mudar para o Canadá à procura de segurança e qualidade de vida. Antes disso, cogitaram ir para Portugal. No Canadá, fizeram uma vasta pesquisa sobre lugares onde gostariam de morar. Apesar disso, não vêem essas mudanças como certamente definitiva.

*A gente tava pensando em ir pra Portugal. Começando a pesquisa pra ver lugares interessantes, a gente achou o Canadá e a gente faz uma pesquisa bem ampla com relação a oferta de trabalho, facilidade, o clima da cidade, se é uma cidade mais do interior ou uma coisa mais urbana.*

O segundo aspecto que mostra a variedade de opções a que a geração Y tem acesso é a questão da aparência. É reconhecido entre eles que, hoje, se desfruta de maiores possibilidades de tratamentos e recursos que prometem a qualquer um ter a fisionomia e o corpo que desejar. Apesar disso, alguns acreditam que, embora as pessoas tenham à disposição inúmeras técnicas – ou talvez até pelo fato de tantas técnicas existirem – há um movimento de padronização no que diz respeito à aparência. Essa percepção vai de encontro à singularidade:

*Eu acho que tem uma coisa de modelo de mulher que faz academia, que faz não sei o que com o cabelo, eu acho que as pessoas tão se padronizando esteticamente (Simone, 32 anos)*

No entanto, essa impressão não é compartilhada por todos. Rogério, por exemplo, acha que o acesso a culturas diferentes permite que as pessoas adotem visuais também diferentes:

*Vai ver, você ser daquela maneira diferente em algum lugar você seria aceito.*

O fato é que essa questão é controversa. Outros percebem a existência de grupos de identidade cujos membros são semelhantes entre si, mas adotam um visual diferente das pessoas em geral. É o caso dos “emos”, dos “grunges”, dentre outros.

Um ponto de singularidade em relação à aparência é a questão da tatuagem e do *piercing*. Antes tido como uma prática discriminada, a utilização de tatuagens e *piercings*, como argumentam alguns autores (Twenge, 2006; Gronbach, 2008), é comum entre as pessoas da geração Y e se caracteriza como uma das diferenças entre os seus integrantes e os das gerações anteriores:

*Já foi considerado coisa de bandido. Meu pai, que tem 69 anos, não sabe da minha tatuagem (Patrícia, 24 anos)*

*Meu pai falou que tem três coisas que ele não vai pagar pra mim, qualquer outra coisa ele pode pagar: o piercieng, tatuagem e luta. (Felipe, 24 anos)*

O terceiro aspecto diz respeito à vida afetiva e à variedade de arranjos familiares. Em relação aos arranjos familiares, é fato que estes vêm mudando

nas últimas décadas. Legalizado no Brasil em 1977, o divórcio vem se tornando mais freqüente. De 1984 a 2007, a taxa de divórcios no país subiu 200%<sup>22</sup>. Segundo as Estatísticas do Registro Civil do IBGE, os casamentos em que um dos cônjuges é divorciado ou viúvo passaram de 10,6% em 1999 para 17,6% em 2009<sup>23</sup>. Ainda de acordo com a mesma fonte, os divórcios com guarda compartilhada aumentaram de 2,7% em 2004 para 4,7% em 2009.

Wagner et al. (1999) mencionam uma “vertiginosa transformação da configuração e funcionamento da família acontecendo nas últimas três décadas”. Para eles, o distanciamento do modelo nuclear/tradicional, manifestado através de atuais famílias descasadas, recasadas ou reconstituídas, vem fazendo parte cada vez mais da realidade. As figuras do padrasto, da madrasta e de seus respectivos filhos vêm alterando a forma de convivência das famílias. Na pesquisa Dossiê Universo Jovem (2008), metade dos entrevistados não tem pai e mãe morando juntos na mesma casa.

*A minha (geração) que começou com essa questão de filhos de pais separados, filhos problemáticos, questão de guarda compartilhada como uma solução. (Michele, 30 anos)*

Nara cita o exemplo de seu pai, que teve vários casamentos e filhos desde que se separou de sua mãe, há cerca de 20 anos:

*Tem eu e a Denise do 1º casamento, do 2º casamento tem a Luana e a Bruna, ele tem uma 3ª mulher que ele tem um menino, e agora ele tem uma namorada que é mais nova que eu 2 anos, que a menina já tem 2 filhos e ta morando com ele em Macaé.*

Os entrevistados, de fato, mostram sinais de se perceberem provenientes de famílias menos tradicionais do que as gerações anteriores. Aliás, a percepção de que a geração Y foi a primeira criada de formas mais alternativas é compartilhada alguns deles. Alguns dos entrevistados são exemplos desses novos arranjos familiares. Outros levam para sua vida pessoal o questionamento do que pretendem em relação a seus relacionamentos diante da variedade de possibilidades existentes.

---

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/retrato-do-divorcio-no-brasil,39545.htm>, acessado em 07 de fevereiro de 2011

<sup>23</sup> Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=1753](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1753), acessado em 07 de fevereiro de 2011

*Eu acho que uma coisa é se eu quiser morar junto com ele, a gente não precisa nem casar, nem assinar nada. Eu quero ter filho? Poxa! Se eu não quero ter filhos, será que eu preciso casar? (Amanda, 29 anos)*

Ainda em relação à diversidade na vida afetiva, autores apontam a tolerância ao homossexualismo como sendo uma característica marcante dessa geração (Twenge, 2006; Gronbach, 2008; Howe e Strauss, 2000). De fato, entre os entrevistados, apesar do homossexualismo não ser percebido como um comportamento natural nos dias de hoje, predomina a visão de que é mais aceito do que no passado:

*Pô! Nesse aspecto acho que melhorou muito, sabe? (Flávio, 30 anos)*

O quarto aspecto é relacionado à vida social. Nesse sentido, a evolução das tecnologias de informação exerce papel importante. Um primeiro ponto são a internet e as redes sociais oferecendo acesso a pessoas em locais diversos. No passado, havia maiores limitações não só para buscar, como para manter amizades à distância. Hoje, as pessoas estão a um clique de qualquer lugar do planeta, o que favorece maior diversidade de relacionamentos.

*Imagina os meus avós conhecendo gente do mundo todo, eu não imagino isso (Michele, 30 anos)*

Há quem veja na diversidade a oportunidade de conhecer e ouvir experiências e conselhos diferentes. Para outros, a aceitação da diversidade é uma forma de aumentar as opções de relacionamento para não ficar sozinho. Importante lembrar, como foi pontuado na seção 2.10.2, que o comportamento individualista não pressupõe o isolamento do indivíduo, mas sim sua independência em relação ao(s) grupo(s). Portanto, em ambos os casos, a diversidade proporciona autonomia e liberdade ao indivíduo, minimizando sua dependência de grupos ou pessoas específicos.

*Eu gosto de ver gente diferente, conhecer, de ouvir experiências novas, e o quê que uma pensa, o quê que outra pensa, o que faz da vida. (Flávia, 23 anos.)*

*Eu acho que hoje em dia eu aceito mais a diversidade até por uma questão de carência. Se você não acaba abrindo seu leque de opções, você acaba ficando sozinho. (Michele, 30 anos)*

Evandro, que morou por alguns anos em Barcelona, considera a diversidade de pessoas e culturas a que teve acesso o maior ganho dessa experiência:

*É muito rico pra mim ver que as pessoas são diferentes, têm valores diferentes e conseguir aprender alguma com isso.*

Um segundo ponto em relação à vida social, também ligado à tecnologia de informação é a possibilidade de manter vários amigos. A comunicação com a rede de amizades, que antes necessitava de mais tempo, uma vez que era necessário contato telefônico, por carta ou pessoal, tornou-se rápida e instantânea através da internet e das redes sociais, possibilitando a interação com várias pessoas ao mesmo tempo. Dessa forma, permitiu que se mantenha um círculo de relacionamentos mais numeroso.

*Há pouco tempo eu vi o colégio Andrews, a galera tá no Facebook – e são meus amigos. Então, eu consegui revisitar toda essa memória antiga, coisas que antigamente eu acho que não tinha tanto, só com o telefone. (Simone, 32 anos)*

O terceiro ponto relacionado às redes sociais e à internet é a facilidade de estabelecer grupos de interesse. Como foi descrito no tópico anterior, a possibilidade de encontrar grupos de interesse variados permite que se desenvolvam atividades com pessoas e objetivos diversos, sem que seja necessário alguém que seja intermediário nesse contato. Dessa forma, o indivíduo pode escolher uma ou mais atividades que deseje, fazendo com que sua identidade se associe a cada uma delas.

*Hoje em dia, justamente por você conseguir atingir mais pessoas, você acaba tendo um grupinho para cada coisa. (Augusto, 30 anos)*

Esse três pontos levantados – diversidade de amizades, amizades numerosas e acesso a grupos de interesse – oferecem maiores possibilidades para o desenvolvimento de uma identidade singular, uma vez que o indivíduo tem acesso a opções variadas e numerosas, podendo criar uma identidade baseada em uma maior diversidade de contatos e experiências. Além disso, fala-se da questão de circular em vários grupos, representando a liberdade de escolha, sem que se sinta fazendo parte de nenhum deles, representando a independência. Alguns descrevem os diversos grupos de que participam:

*Você vai no meu Facebook: pô, você começa a ver meus amigos: gente, ela tem amigos de tudo que é tribo! (Juliana, 29 anos)*

Essa postura vem ao encontro do modelo das sociedades individualistas, em que o indivíduo participa de vários grupos sem se sentir pertencente a nenhum deles (Ver Han e Shavitt, 1994). De fato, corresponde à idéia do sujeito

fixo e o ambiente se modificando, típica do individualismo, onde a originalidade, a liberdade de escolha e a independência são predominantes (Triandis e Eunkook, 2002). A singularidade, nesse cenário, reside no fato de as pessoas, ao pertencerem a vários grupos, criarem uma identidade única, formada pela combinação das diferentes interações.

Em um breve resumo, concluiu-se nesse tópico que os arranjos familiares são realmente mais diversos do que eram no passado, com famílias menos tradicionais e com múltiplas composições. Da mesma forma, a existência de grupos de interesse de fácil acesso e de carreiras profissionais variadas também são uma possibilidade para essa geração.

Dado isso, levanta-se a seguinte proposição:

Prop. 2a) A geração Y se vê com acesso a maior diversidade de arranjos familiares, grupos de interesse e carreiras profissionais do que os das gerações anteriores

Concluiu-se, também, que a geração Y realmente faz uso das possibilidades de que dispõe. Ao escolherem maior mobilidade na carreira e participação em diversos grupos, os integrantes da geração Y estão, de fato, usufruindo da diversidade oferecida atualmente.

Dessa forma, chega-se à seguinte proposição:

Prop. 2b) A geração Y utiliza os arranjos disponíveis para estabelecer sua identidade pessoal a partir de escolhas diversificadas

Essas duas proposições caracterizam o segundo aspecto relacionado à independência da geração Y;

## SINGULARIDADE

São identificados, portanto, os dois comportamentos propostos relativos à independência da geração Y: auto-suficiência e singularidade. A combinação dos dois sugere que a geração Y tende a se comportar de forma independente, definindo suas atitudes de acordo com seus valores pessoais, não se atendo a normas de grupos.

Chega-se, então, à primeira característica de individualismo associada a essa geração:

## PROPENSÃO À INDEPENDÊNCIA

Dessa forma, monta-se a primeira relação levantada por esse estudo, representada na Figura 9:



Figura 9: Geração Y e independência  
 FONTE: A autora

### 4.2. Competitividade

A segunda característica a ser abordada por esse estudo é a competitividade, outra questão recorrente quando se fala em individualismo (Helle, 2008; Chiou, 2001; Gouveia, 2002). Autores apontam que, enquanto no coletivismo o comportamento predominante é a solidariedade, em função da empatia com o grupo, no individualismo as conquistas são pessoais e o sucesso do indivíduo é medido pelo grau dessas conquistas (Paquet e Kline, 2009; Fischer, 2008).

Para avaliar a competitividade da geração Y, a análise desse tópico foi dividida em duas categorias:

A primeira delas foi denominada ambição e busca investigar os diferentes objetivos de vida a que os integrantes dessa geração se propõem. Para esse estudo, “ambição” foi definida como “buscar avidamente objetivos profissionais, financeiros, estéticos e sociais”.

A segunda categoria é a ansiedade e destina-se a avaliar a forma que as pessoas da geração Y encontram para atingir esses objetivos pretendidos e como se sentem em relação a eles. Pretende-se investigar, então, se os membros dessa geração se sentem confortáveis com os objetivos que se

impõem e com a forma que se propõem a atingi-los. Para este estudo, “ansiedade” foi definida como “sentir insegurança por fazer várias coisas ao mesmo tempo e achar que nunca dispõe de tempo suficiente” (seção 3.5).

#### **4.2.1.Ambição**

A geração Y é não só a que mais estudou em comparação às gerações anteriores (Lancaster e Stillman, 2002; Gronbach, 2008), como também, segundo Twenge (2006), tende a buscar ideais impossíveis. A autora acrescenta que seus integrantes desejam fama e costumam inspirar-se em músicos e artistas quando traçam seus objetivos.

Dados do Pew Research (2010) apontam para uma hierarquia de valores em que o sucesso profissional vem depois da paternidade/maternidade. Compartilhando o ponto de vista dessa pesquisa, Strauss e Howe (2000), afirmam que são pessoas que desaprovam o *workaholism* das gerações anteriores, enquanto, segundo Schooley (2005), querem um trabalho que seja, ao mesmo tempo, motivador, desafiador, flexível e bem remunerado.

Nesse estudo, a ambição foi avaliada segundo três aspectos; ambição profissional e financeira, que inclui a formação acadêmica, carreira e consumo desses indivíduos; ambição estética, que aborda a importância da beleza e da aparência física; e ambição social, ou seja, a necessidade de acúmulo de relações.

##### **4.2.1.1.Ambição profissional e financeira**

Em relação à ambição profissional e financeira, três pontos foram levantados. O primeiro deles é a formação acadêmica, onde será feito um aprofundamento dessa questão, já abordada anteriormente, no tópico relativo à independência. O segundo ponto aprofunda outra questão mencionada no tópico anterior: a postura profissional dos membros da geração Y, focalizando a análise em seus objetivos profissionais. O terceiro e último ponto fala a respeito de consumo.

#### 4.2.1.1.1. Formação acadêmica

O primeiro aspecto a ser levantado, portanto, é a questão da formação acadêmica. Os entrevistados desse estudo percebem, de fato, a busca por uma escolaridade que vai além da graduação. No entanto, além de uma formação acadêmica mais extensa, avaliam que a cobrança por resultados desde cedo é uma fonte de pressão:

*Meus pais sempre me cobraram muito estudo, falavam: “Aluno 5 e 6 não chega a lugar nenhum, você tem que tirar notas 9 e 10” (Bernardo, 26 anos)*

*Você vê que, às vezes, a pessoa fica mais de 8 horas ou na escola estudando ou dentro de um quarto estudando (Luciano, 24 anos)*

Howe e Strauss (2000) concordam que, desde muito cedo, os pais já se preocupam com a formação dos filhos e afirmam que, para esses pais, nunca é cedo demais para começar a preparar os filhos para o colégio. Para alguns dos entrevistados, a pressão sentida pelo investimento que percebem que os pais fizeram em sua formação é uma realidade.

*A gente foi muito bem educado: bons colégios, aulas de inglês, quinze mil aulas de esportes... Cara, a gente tem meio que uma sensação de obrigação (Mariana, 23 anos)*

Para outros, a insegurança dos pais e o desejo que seus filhos tenham sucesso também são outra fonte de pressão:

*Tem pressão dos pais, que também estão inseguros, e falam: “Filho você tem que trabalhar, como é, vai desistir? Se tá desistindo agora, amanhã então ferrou, né? (Patrícia, 24 anos)*

Na medida em que vão envelhecendo, essas pessoas tendem a expandir seus estudos. Flávio percebe sua geração com mais tempo para se dedicar à formação acadêmica. Segundo o entrevistado, hoje a formação é mais estruturada e existe a possibilidade de se dedicar a ela sem ter que conciliar à pressão do trabalho:

*A gente teve uma tranquilidade muito maior de estudar primeiro. Concluída a minha parte acadêmica, eu vou passar a me preocupar com o negócio de trabalho.*

Tendo vivido uma experiência diferente, Teresa não compartilha essa visão. No final da universidade, Teresa estudou e trabalhou ao mesmo tempo, por isso não tem intenção de prosseguir com os estudos. Para ela, o final da

universidade foi uma etapa bastante difícil. Quando perguntada se pretende voltar a estudar, ela rejeita a idéia:

*Eu tenho pesadelo até hoje com a faculdade, juro por Deus. Eu sempre tenho pesadelo que eu não consigo me formar porque eu já faltei muita aula.*

No entanto, a percepção de competitividade e cobrança observada no colégio permanece na faculdade, podendo ficar até mais intensa:

*Era uma competição: você passou para uma universidade federal... e você tem que tirar notas boas, você tem que ter um CR ótimo pra você conseguir os melhores empregos...(Bernardo, 26 anos)*

#### 4.2.1.1.2.Carreira

O segundo aspecto relativo à ambição profissional é a carreira: a busca por sucesso profissional e financeiro. Para alguns dos entrevistados, de fato, as prioridades percebidas hoje são o sucesso profissional e o sucesso financeiro:

*O quê que mudou no jeito das pessoas serem? Eu acho que as pessoas passaram a pensar mais no dinheiro. (Bernardo, 26 anos)*

Alguns levantam que, o anseio por sucesso profissional é consequência da necessidade de sucesso financeiro. Esses acreditam que, para financiar o luxo de que as pessoas desejam usufruir, é necessário trabalhar cada vez mais, levando os indivíduos a se sentirem pressionados e estressados:

*Eu conheço gente que não tem uma ou duas (empregadas domésticas), tem três, quatro, cinco! Então ela precisa trabalhar pra pagar aquilo (Patrícia, 24 anos)*

Mariana conta uma entrevista que fez, ao entrar para o emprego em que se encontra atualmente, que ficou fortemente registrada em sua lembrança. A fala do entrevistador, também com menos de 34 anos, ilustra a visão de Patrícia a respeito das prioridades de alguns nos dias de hoje:

*Para mim, qualidade de vida é ter dinheiro pra comprar o carro que eu quero, pra viajar pra onde eu quero, comer onde eu quero e ter estabilidade financeira e dinheiro pra fazer o que eu quiser. Por isso que eu trabalho muito. Por exemplo: eu entrei aqui ontem e eu estou aqui até agora, direto (Mariana, 23 anos, narrando depoimento de seu entrevistador de emprego)*

Simone, em linha com Twenge (2006), argumenta que, hoje, os objetivos são mais difíceis de serem alcançados e o custo para se levar uma vida considerada por ela minimamente confortável é muito alto:

*Pra você conseguir ganhar uma coisa razoável pra viver – e não é nem luxo, você tem que ralar muito.*

Quanto à postura dessas pessoas em relação ao trabalho, há basicamente dois tipos de atitudes:

A primeira é a de quem se declara abertamente competitivo. Entre esses, um aspecto recorrente é a questão de “sempre querer mais”.

*A competitividade é legal, eu sou um cara muito competitivo, eu odeio perder. (Bernardo, 26 anos)*

*Eu quero crescer mais rápido, ser promovida mais rápido, ganhar dinheiro mais rápido. Geralmente, esses ambientes mais competitivos te dão chance de realizar mais coisas. (Mariana, 23 anos)*

Há quem associe até a solidariedade dos trabalhos voluntários à competitividade. Segundo Ângela, hoje as empresas valorizam pessoas que exercem algum tipo de ação voluntária e afirma que, em muitos casos, o sujeito se dedica a algum tipo de voluntariado buscando reconhecimento profissional ou melhores oportunidades:

*Hoje também, no currículo, você põe lá: trabalho voluntário, é melhor. Então, as pessoas estão fazendo também pra melhorar o currículo. (Ângela, 27 anos)*

Esse ponto de vista é coerente com Finkelstein (2010), que mostra que os motivos que levam a pessoa individualista a se dedicar a esse tipo de atividade estão mais ligados a questões pessoais, citando como um dos exemplos a ascensão profissional, em detrimento de empatia ou pura solidariedade com o outro.

De fato, a competitividade se reflete até em aspectos mais simples das vidas de alguns. Mariana e Bernardo declaram que não entram em nada se não tiverem chance de ganhar. Alguns entrevistados afirmam que a tendência é que, com o passar do tempo, as pessoas sejam cada vez mais cobradas, uma vez que a evolução leva ao aperfeiçoamento:

*Pra você conseguir alcançar as mesmas coisas que você alcançava há 10, 15, 20 anos atrás, você precisa ser um cara muito melhor do que você precisava ser há 10, 15, 20 anos atrás. (Augusto, 30 anos)*

Por fim, ainda em relação à postura de trabalho mais competitiva, cabe fazer referência à questão que Twenge (2006) aborda, relativa à fama. É

verdade que há entrevistados que mencionam a fama como um objetivo, tanto dos outros como seu:

*Eu gostaria de tocar violão bem, guitarra bem, fazer sucesso. Ou então ser um esportista. Queria jogar num estádio lotado, queria tocar num show lotado assim. (Gustavo, 25 anos)*

O segundo tipo de atitude em relação à postura de trabalho é a opção por mais tempo livre e autonomia em detrimento de maior receita financeira. Essas pessoas adotam uma postura alinhada com a abordagem de Strauss e Howe (2000) e escolhem uma carreira que permita a eles priorizar a qualidade de vida. É o caso daqueles que optam por um emprego público, sob a argumentação de que desejam ter mais liberdade e tempo para si mesmos:

*Aí, pro concurso eu optei por isso: qualidade de vida. Vou trabalhar 8 horas em ponto, nem que ganhe três mil reais. (Juliana, 29 anos)*

No entanto, mesmo em relação ao serviço público, Augusto, advogado do Estado, percebe um ambiente mais competitivo e qualificado hoje do que acredita ter sido o do passado. Bernardo concorda com Augusto e afirma que, em sua turma na Universidade – Universidade de primeira linha e uma carreira competitiva – houve o grupo de pessoas que optou pelo mercado privado a fim de maximizar os ganhos financeiros (segundo ele, alguns foram para o mercado financeiro com essa finalidade exclusiva) e o outro grupo que preferiu a segurança de um emprego público.

*Os servidores mudaram, não são mais os mesmos. Hoje, 90% têm um excelente inglês, metade tem um terceiro idioma, uns têm pós, mestrado e a vontade de trabalhar é completamente diferente: vontade de construir, de fazer, de questionar os modelos mesmo. (Augusto, 30 anos)*

Portanto, mesmo entre aqueles que optam pela carreira pública, há quem perceba a própria necessidade de estar sempre evoluindo. Nesse caso, a prioridade é segurança profissional, mas eles continuam buscando formas de ascender na carreira:

*Comecei a prestar concurso público. Aí, você já fica viciado, enquanto você não chega no top, você não tá satisfeito. (Luciano, 24 anos)*

#### **4.2.1.1.3. Consumo**

O terceiro aspecto diz respeito ao consumo. Há quem declare que, hoje, as pessoas pensam mais no dinheiro e no consumo. Para esses entrevistados,

as pessoas de sua geração acreditam que sucesso é sinônimo de dinheiro. Sarah questiona o resultado disso para a sociedade. Ela argumenta que, mesmo pessoas que desenvolvem atividades cuja contribuição para a sociedade é baixa são consideradas pessoas de sucesso caso essas atividades sejam rentáveis o suficiente para lhes atribuir *status*:

*Tem gente que ganha dinheiro pra caramba, mas o quê que você faz de bom para a vida das pessoas? Nada, só ganha dinheiro. Ou então gente que fala: “Nossa, arrumei um trabalho excelente, você não faz nada e ganha cinco mil reais por mês”. Tipo: isso é bom?*

A associação de *status* a consumo é recorrente nos dias de hoje, segundo os entrevistados. Muitos acreditam que a importância do *ser* vem cedendo lugar à priorização do *ter*. O consumo é identificado como forma de diferenciação e criação da própria individualidade. Jardim (2004) destaca essa incongruência das sociedades modernas, em que a diferenciação – típica do individualismo – é feita através do consumo, perdendo seu caráter de individualização para se tornar um comportamento com tendência à padronização. A vontade de ter uma imagem associada ao consumo de produtos específicos é mencionada por alguns.

*Tem pessoa que vai gastar todas as economias e compra aquele carro. Então é como se ela tivesse o mesmo status do outro, ela maquiou um status (Ângela, 27 anos)*

Alguns entrevistados, de fato, descrevem sua geração como consumista, em consenso com alguns autores (Gronbach, 2008; Twenge, 2006), e suas declarações descrevem comportamentos consumistas em outras pessoas ou, às vezes, neles mesmos:

*Às vezes você nem quer comprar, mas tá tão barato... vou comprar. (Flávia, 23 anos)*

*Eu vejo uma promoção, eu compro, não agüento (Michele, 30 anos)*

Rogério e Flávia abordam a questão do endividamento, que eles percebem como sendo maior hoje do que foi no passado:

*Tá todo mundo no vermelho, não sei. (Flávia, 23 anos)*

De fato, dados do Serasa<sup>24</sup> mostram que, na última década (desde 1999), o nível de inadimplência do consumidor brasileiro<sup>25</sup> triplicou, apesar da quantidade de cheques sem fundo ter diminuído. Nos últimos dois anos, esse índice aumentou cerca de 10%.

Uma questão é que, realmente, as opções para consumo são mais variadas, tanto em relação à variedade produtos como à oferta de preços. Luciano compara o *campus* da universidade hoje ao que era no passado:

*Antigamente, você ia pra uma faculdade com caderno, lápis. Hoje em dia, o pessoal traz o celular, o notebook, um negócio que eu não sei o que é, tipo um palm... São coisas que antes não eram necessárias e que hoje as pessoas não podem mais viver sem.*

De acordo com Gronbach (2008), o consumo dessa geração é voltado para itens específicos. Em outras palavras, não economizam quando querem comprar um produto que realmente importa. Esse comportamento é confirmado por Carlos e Marcelo:

*Alguma coisa que realmente me atrai, eu não vou julgar se é caro ou se é barato, vou julgar se é bom ou não e vou me virar pra conseguir os recursos pra comprar.(Carlos, 28 anos)*

*Eu não gosto de chegar e comprar aquele óculos de 50 reais, prefiro comprar um de 500 que é bom do que comprar 10 de 50.(Marcelo, 32 anos)*

A percepção dos entrevistados é de que, hoje, são cobrados resultados maiores em relação ao sucesso profissional e financeiro do que no passado. A importância atribuída ao consumo, que chega a representar uma parte representativa da identidade do indivíduo, vem fazendo com que os ideais de receita e sucesso profissional venham atingindo patamares entendidos como mais elevados. Isso reflete-se em suas impressões a respeito da formação acadêmica, dos objetivos de carreira e do próprio consumo.

Com base nessas conclusões, surge a primeira proposição ligada à ambição:

---

<sup>24</sup> [http://www.serasaexperian.com.br/release/indicadores/inadimplencia\\_consumidor.htm](http://www.serasaexperian.com.br/release/indicadores/inadimplencia_consumidor.htm)

<sup>25</sup> Refere-se ao *Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor*, representado pelo fluxo de anotações de dívidas em atraso junto a bancos, financeiras, cartões de crédito e empresas não financeiras; cheques devolvidos; e protestos.

Prop. 3a) A geração Y acredita que se obriga a atingir mais sucesso profissional e financeiro do que as gerações anteriores

#### 4.2.1.2. Ambição estética

Twenge (2006) vê essa geração como narcisista e obcecada com aparência. As pesquisas do Dossiê Universo Jovem (2004 e 2008) mostram que os jovens brasileiros dão importância especial à aparência. A pesquisa de 2004 mostra que, em 1999, 37% dos entrevistados declararam que a principal característica de sua geração é “ser vaidosa / preocupada demais com a aparência” e 60% acreditavam que as pessoas mais bonitas têm mais oportunidades na vida. Em 2008, a vaidade foi um dos três principais atributos usados para definir a própria geração.

Portanto, optou-se por relacionar esse item como o segundo aspecto da ambição. No que diz respeito à preocupação com a própria aparência, três pontos foram levantados.

O primeiro ponto diz respeito à facilidade de acesso a tratamentos percebida. Há alguns entrevistados que afirmam que, diante de tantas opções existentes hoje para manter-se jovem e belo, a pressão por uma aparência ideal é mais forte do que no passado. Para uns, a pouca duração dos contatos faz com que a importância da aparência cresça:

*Hoje tem mais possibilidade que não tinha antigamente: botox, plástica, lipo, cirurgia total... E a exigência por uma beleza perfeita tá muito maior (Michele, 30 anos)*

O segundo ponto percebido é a precocidade da preocupação com a beleza. Alguns entrevistados citam a preocupação de meninas mais novas com a própria aparência. Acreditam que esse atributo vem ganhando importância cada vez maior junto a um público cada vez mais jovem.

Alguns observam crianças adotando uma erotização considerada inapropriada e priorizando o consumo de produtos ligados à beleza, percebidos como exclusivos de pessoas mais velhas no passado, em detrimento de produtos considerados mais adequados a faixas etárias mais baixas.

*Hoje em dia, vai dar boneca pra uma criança, vê se gosta? Ah, não, maquiagem! (Juliana, 29 anos)*

Esse comportamento reflete-se nos gastos pessoais. Flávio cita um exemplo de consumo de cosméticos por uma passageira em uma excursão coordenada por ele que foi considerado extravagante pelo entrevistado:

*Eu tive uma passageira de 14 anos que entrou na Mac, aquela loja de cosméticos, e gastou 400 dólares: “Ah, não, eu tenho que ficar bonita!”*

O terceiro ponto é a importância da beleza para o público masculino. O Dossiê Universo Jovem (2008) vem medindo um aumento na preocupação com aparência junto aos homens dessa geração. Houve entrevistados que também mencionaram observar esse tipo de comportamento:

*Às vezes, eu acho os homens até mais vaidosos do que as mulheres. (Juliana, 29 anos)*

Contudo, embora alguns percebam que a importância da beleza vem crescendo junto ao público masculino, o fato é que principalmente as mulheres vêm na busca da beleza e no culto ao corpo uma pressão com a qual se sentem obrigadas a lidar. Apesar de ser reconhecida como uma preocupação que ultrapassa gerações, a impressão preponderante é de que o papel da beleza exerce, hoje, função primordial na vida das pessoas, especialmente das mulheres.

*Hoje, a gente tem isso acentuado porque a gente tem mais tecnologia pra isso: inúmeros recursos pra emagrecer, pra ficar com a pele melhor, coisas que antigamente não existiam. Apesar de a preocupação com a beleza ser recorrente. (Débora, 24 anos)*

Algumas delas descrevem o ideal de beleza a ser alcançado como impossível, uma vez que é baseado em figuras públicas, cujas imagens são cuidadosamente elaboradas para representar a perfeição:

*Eu vejo que é ideal porque nunca vai se alcançar, mas eu vejo uma coisa mais voltada à estética, à performance do corpo... um espelhamento numa figura pública ou emblema público, ou num marketing, ou num estilo de ser público. (Simone, 32 anos)*

*Aparece uma mulher na novela, depois fica todo mundo copiando ela. (Sarah, 23 anos)*

O fato é que a importância da beleza é sempre reconhecida em diferentes formas.

*Eu vejo o quanto isso é importante pra elas (amigas), desde malhar até comprar roupa e maquiagem. (Flávia, 23 anos)*

Patrícia conta que recebeu uma proposta para uma entrevista de trabalho na qual a pessoa responsável pelo recrutamento afirmou que se tratava de uma empresa que “não contrata gente feia”.

Houve, também, quem respondesse, quando perguntada se considera ser uma pessoa vaidosa, com a pergunta: “Tem alguém que respondeu que não? No mundo de hoje?” Essa resposta ilustra a importância que a beleza tem para essa geração. O culto à beleza pode ser descrito, por vezes, como um modo de se satisfazer pessoalmente ou como uma necessidade imposta por pressões externas e pela rapidez dos contatos atualmente. No entanto, a percepção que prevalece, entre as mulheres principalmente, é de que se estabeleceram ideais de beleza a serem buscados que se mostram inatingíveis, baseados, sobretudo, em um espelhamento em figuras públicas.

*As pessoas hoje em dia estão querendo cada vez mais a busca do inalcançável, sabe, porque eu não sou uma mulher de revista, e as mulheres ficam cada vez mais deprimidas, porque elas não alcançam isso. (Michele, 30 anos)*

Disso deriva a segunda proposição relativa à ambição junto à geração Y:

Prop. 3b) A geração Y se pauta por modelos estéticos que ela própria julga inatingíveis

#### 4.2.1.3. Ambição social

O terceiro e último aspecto a ser avaliado com relação à ambição é o social. Jardim (2004) explica como Simmel levanta a questão dos relacionamentos sociais em relação ao individualismo. Para ele, enquanto no coletivismo o indivíduo busca laços com poucas pessoas e estabelece relações profundas e duradouras, no individualismo a prioridade são relações numerosas e mais distantes. Ao circular por meios diferentes, o indivíduo permite-se criar uma identidade singular, que representa a combinação única de trocas de experiências com todos esses grupos.

Ao disporem de meios tecnológicos como a internet – que propicia maior alcance geográfico e a manutenção de maior quantidade de relações – a geração Y parece se direcionar para estabelecer, de fato, muitas relações.

*Todo mundo que eu conheço aqui, eu consigo contatar agora, praticamente. Ou entro aqui na internet ou pego o telefone e eu acho 90% dessas pessoas. (Augusto, 30 anos)*

Dentro ou fora da internet, os membros dessa geração tendem a participar de vários grupos e a interagir com muitas pessoas. Para a análise da ambição social, foram levantados três pontos em relação às pessoas dessa geração.

O primeiro ponto é a questão dos grupos de interesse. Como já foi pontuado nesse estudo, uma vez que tenham acesso a diversos grupos, podem escolher o que fazer e quando fazê-lo, propiciando o cultivo de hobbies e hábitos que, anteriormente, não seriam possíveis. Mas, além disso, os grupos de interesse permitem que se estabeleça um grande número de relações sociais, cada uma delas voltada para uma atividade específica em comum:

*Você acaba encontrando pessoas que você não conhece, mas que têm aquilo em comum com você. Hoje em dia, justamente por você conseguir atingir mais pessoas, você acaba tendo um grupinho para cada coisa. (Augusto, 30 anos)*

De fato, mesmo fora da internet, alguns tendem a manter o hábito de recorrer a diferentes grupos para diferentes atividades:

*Eu tenho amiga que, por exemplo, ontem eu fui a um pagode no Recreio. Eu tenho amiga que jamais faria isso, então com ela eu vou ao cinema. Eu tenho amiga que vai ficar em casa vendo DVD, eu tenho amiga que hoje vai viajar comigo pra Vitória às 6 da manhã... (Flávia, 23 anos)*

O segundo ponto inclui a diversidade de pessoas nos relacionamentos. Alguns associam a tolerância à diversidade ao maior número de opções que essa tolerância proporciona. Dessa forma, quanto mais tolerantes, mais escolhas os integrantes dessa geração têm. Por outro lado, alguns entrevistados afirmam que a tolerância é derivada da falta de envolvimento com o outro, ou seja, uma vez que não existe proximidade e intimidade, o que o outro pensa ou diz perde importância e, com isso, minimiza-se a intolerância:

*E o pessoal da minha geração chega lá, fala meia dúzia de “Ah, não concorda? Então tá beleza, é teu ponto de vista” e a questão talvez até da tolerância passa até um pouco pela falta de paciência. (Flávio, 30 anos)*

Aumentar a tolerância e relacionar-se com pessoas diversas é outra forma de adicionar pessoas ao círculo social.

O resultado final obtido pelos grupos de interesse e o aumento da tolerância é, portanto, a assimilação de mais pessoas no círculo social. Daí deriva o terceiro ponto a ser analisado: a busca por popularidade.

Alguns associam uma grande quantidade de contatos em redes sociais ao sucesso social e à popularidade. Para esses, ter muitos amigos no *Orkut* ou no *Facebook* é reconhecido como um atestado de sucesso social.

*Eu tenho uma amiga que ela valoriza ser popular. Então, adiciona quem nem sabe quem é, quem viu uma vez na vida, só pra fazer número (Flávia, 23 anos)*

Para essas pessoas, a fama e a popularidade são medidas pela quantidade de acessos a um blog pessoal ou a quantidade de comentários feitos sobre publicações específicas nas redes sociais, como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*.

*Quando comentam alguma coisa no seu blog ou no seu Twitter você tende a gostar daquela pessoa e aí comenta no dela também, é quase um atendimento de carência mútua. (Ângela, 27 anos)*

Quando o assunto não inclui a internet, há também quem chegue a adaptar alguns de seus comportamentos para ter acesso à maior quantidade de pessoas. Dessa forma, afirmam se sentirem mais aceitos pela sociedade:

*Comecei a beber, não bebia, mais uma questão de me adaptar à sociedade. Numa época que eu relaxei, entrei no Couchsurfing, Facebook, e eu me senti mais incluído na sociedade, conheci muita gente. (Carlos, 28 anos)*

O fato constatado é que, para essa geração, a importância de ter muitos amigos é grande. Em geral, as pessoas se referem a dois tipos de amizades. As mais antigas, que são aquelas consideradas mais próximas, íntimas e duradouras, e as demais, onde quantidade tende a predominar como parâmetro. Amanda exemplifica esse comportamento citando uma propaganda veiculada na TV:

*Você viu a propaganda da... acho que é da Unimed? É tipo assim: "Eu tenho 1.500 amigos, eu tenho 2.000 amigos, eu tenho 3.000 amigos, mas não sei o nome de ninguém, eu não conheço ninguém", (Amanda, 29 anos)*

Dessa forma, a terceira e última proposição relacionada à ambição da geração Y é:

Prop. 3c) A geração Y modela seus relacionamentos sociais mais pela quantidade do que pela seletividade

Em suma, neste capítulo, verificaram-se para a geração Y as seguintes características: em relação à vida profissional e financeira, percebem-se buscando ideais mais altos do que aqueles que atribuem às gerações anteriores. Em relação à própria aparência, vêem-se perseguindo modelos que consideram inalcançáveis. Por fim, em relação aos relacionamentos sociais, priorizam a quantidade à seletividade. Diante desses objetivos, percebidos como elevados por seus integrantes, chega-se à primeira característica dessa geração associada à competitividade:

## AMBIÇÃO

### 4.2.2. Ansiedade

Esse tópico destina-se à segunda categoria da discussão relacionada à competitividade: a ansiedade. Nesse estudo, ansiedade foi definida como “sentir insegurança por fazer várias coisas ao mesmo tempo e achar que nunca dispõe de tempo suficiente” (seção 3.5). O objetivo desse tópico, portanto, é avaliar a forma como a geração Y busca os objetivos que foram levantados no tópico anterior. Para isso, foram analisados dois aspectos. O primeiro deles é referente à questão do tempo – como essas pessoas administram seu tempo e como se sentem em relação ao tempo que têm disponível. O segundo aspecto avalia a forma como vêem seus relacionamentos frente à pressão que se impõem por buscar diversos objetivos e a sensação que esse estilo de vida lhes dá.

#### 4.2.2.2. A questão do tempo

Uma das características mais frequentemente apontadas por alguns autores em relação à geração Y é o fato de terem habilidade para executar várias tarefas ao mesmo tempo (Meredith, Schewe e Karlovich, 2002; Schooley, 2005, Tapscott, 1999). Lancaster e Stillman (2002) argumentam que essa

geração segue vários caminhos e aprende várias atividades ao mesmo tempo, executando-as extraordinariamente.

Strauss e Howe (2000) e Gronbach (2008), por sua vez, afirmam que essa geração tem uma rotina mais atribulada do que as das gerações anteriores e verificam uma tendência a desejar mais tempo livre para recreação e menos *stress*. Esse tópico analisa quatro pontos diferentes relacionados à questão da administração do tempo e suas conseqüências.

O primeiro deles é a respeito das cobranças percebidas. O que declaram os entrevistados, como já foi dito algumas vezes nesse estudo, é que percebem sobre si um excesso de cobranças, muitas vezes feitas por eles mesmos. Para eles, a vontade de obter sucesso rápido e a conseqüente necessidade de uma formação acadêmica diferenciada faz com que, freqüentemente, se vejam tendo que estudar e trabalhar simultaneamente, podendo desfrutar de pouco tempo livre.

*Eu acordo, vou pro trabalho fico no trabalho o dia inteiro, depois venho correndo pra faculdade, engarrafamento e tudo, aí saio daqui tarde, chego em casa umas 10:40, um stress. (Bernardo, 26 anos)*

De fato, Bernardo descreve seu tempo disponível para o dia a dia como sendo tão limitado que as poucas horas que gasta assistindo aos programas de TV de que gosta são um empecilho para sua rotina semanal:

*Tem três seriados que eu sempre vejo toda semana, que é Two and a Half Man, The Big Bang Theory e House, então aí já vão duas horas da minha semana.*

Um segundo ponto levantado é a necessidade percebida por alguns de ter que trabalhar em mais de uma atividade ao mesmo tempo:

*Eu pego várias coisas pra complementar a renda (Simone, 32 anos)*

Para a entrevistada, essa é uma circunstância muito cansativa. Com isso, algumas vezes, são deixadas de lado áreas a que ela gostaria de dedicar mais tempo, como as relações pessoais.

*Essa questão da disponibilidade do tempo é tão cansativa, é tanta coisa pra fazer... Então fica aquela promessa do encontro, as pessoas querem se encontrar, mas não conseguem disponibilizar de um tempo pra isso.*

O terceiro ponto levantado foi a questão da manutenção dos inúmeros relacionamentos sociais. Alguns entrevistados alegam que “manter tantos relacionamentos dá muito trabalho”.

*Dá trabalho ser amigo: tem que sair na sexta com um casal de amigos, no sábado com um grupo, no domingo com família. (Bernardo, 26 anos)*

Na verdade, uns admitem ficar conectados o tempo todo e gastam boa parte de seus dias mandando mensagens, atualizando *status* virtuais ou lendo postagens de terceiros. Amanda cita a internet “te entupindo de ocupações sociais com os amigos que você não conhece”.

*Eu to viciada no Twitter, o tempo todo to tuitando. (Flávia, 23 anos)*

O quarto ponto é o problema da busca de informações. Com a inúmera quantidade de informações disponíveis a tão fácil alcance, os membros da geração Y tendem a se sentir obrigados e estar atualizados com o que está acontecendo. Uma vez que o acesso é vasto, rápido e fácil, alguns consideram que a cobrança por atualização nas informações é outra forma de demanda de tempo que poderia ser gasto com atividades mais prazerosas.

*Eu sou uma pessoa que tenho tendência a não se atualizar muito, às vezes eu sinto falta de determinadas informações que podiam ser úteis profissionalmente. (Débora, 24 anos)*

Há dois tipos de conseqüência em relação a esse excesso de atividades e cobranças percebidas pela geração Y. A primeira delas é que eles se vêem fazendo várias coisas ao mesmo tempo. No dia a dia, essa é vista como uma característica predominantemente positiva. Alguns entrevistados citam como costumam conciliar várias tarefas simultaneamente:

*Quando você me ligou eu tava assistindo o jogo do Brasil, jogando no computador, falando com uma ex-aluna minha que tá morando em Nova York... (Flávio, 30 anos)*

*São poucas coisas hoje em dia que são exclusivas assim, que você não consiga fazer mil coisas ao mesmo tempo. (Mariana, 23 anos)*

Da mesma forma, Evandro e Oscar, embora tenham uma rotina atribulada, demonstram satisfação com essa diversidade.

Evandro, designer, trabalha todos os dias em uma empresa de design, dá aulas no curso de design de uma universidade do Rio de Janeiro e em outro órgão de ensino. Também faz mestrado em Design. Tem planos de, ao terminar o mestrado, ingressar no curso de doutorado. Já Oscar, dá aulas e orientação em uma universidade no Rio de Janeiro, desenvolve projetos em sua área, trabalha com cinema e escreve ficção:

*Minha rotina hoje é: eu faço mestrado, eu dou aula numa universidade, dou aula em outro lugar e trabalho aqui. Então são quatro atividades que estão consumindo 100% do meu tempo. (Evandro, 31 anos)*

*Eu sempre trabalhei em lugares diferentes, fazia residência, ao mesmo tempo fazia o doutorado e escrevo roteiros de cinema (Oscar, 32 anos)*

A percepção negativa a respeito de fazer várias coisas ao mesmo tempo fica por conta da qualidade do resultado. Alguns afirmam que, por causa dessa simultaneidade, não conseguem se dedicar às atividades da maneira como gostariam. Augusto faz uma analogia com um equilibrador de pratos, que tem que dar continuidade a diversas tarefas e se vê, vez por outra, sendo incapaz de cumprir tudo a que se propõe:

*Tem que progredir muito, equilibrar cada vez mais pratos. Depois, você ta equilibrando, tem um prato caindo ali, quando você vê, pô, caiu outro prato.*

Ele afirma que hoje, para conseguir melhores resultados, abriu mão de algumas das tarefas a que costumava se dedicar. Dessa forma, sente-se mais realizado. Flávio concorda com o ponto de vista de Augusto e acredita que, às vezes, é necessário mais concentração para a elaboração de algumas atividades:

*Você quer fazer tudo ao mesmo tempo e faz tudo meia boca.*

Já Oscar, que saiu de uma longa relação estável recentemente, percebe que são muitas as atividades que tem que executar sozinho no seu dia a dia e que não lhe sobra tempo suficiente para se dedicar àquilo que demanda maior concentração e tempo, mas que poderia lhe dar mais prazer e bons resultados no longo prazo:

*Qualquer coisa que aconteça que eu tenha que resolver é em cima de mim. Apareceu uma conta de gás de sete mil reais, porque vazou ali fora, é comigo. Bateram no meu carro, é comigo. Roubaram meu celular, eu tenho que resolver. Compras sou eu que faço.*

Essa consequência leva à primeira proposição relacionada ao tempo disponível:

Prop. 4a) A pressão para o sucesso em diferentes áreas que a geração Y se impõe faz com que ela acredite que faz mais coisas ao mesmo tempo do que faziam as gerações anteriores.

A segunda consequência do excesso de atividades é vista de forma predominantemente negativa. Em função da demanda percebida de atividades, os integrantes da geração Y são recorrentes ao afirmar que o tempo nunca é suficiente para eles.

Simone se sente angustiada com a falta de tempo que percebe no seu dia a dia. Essa angústia manifesta-se de algumas maneiras. Uma delas é a impressão de que tem uma dificuldade pessoal em se focar e organizar o próprio tempo. Ela descreve seu tempo disponível da seguinte forma:

*Acho que não é o tempo concreto, eu acho que tem a ver com uma vivência subjetiva de tempo, o tempo se tornou muito mais rápido.*

Outro fator que se transforma em angústia para a entrevistada é a sensação de que, no passado a disponibilidade de tempo para lazer era maior. Ela argumenta que:

*Eu vejo que, antigamente, o trabalho era um só, eu sentia uma coisa menos corrida, acho que dava mais tempo um pouco pro lazer.*

No entanto, há quem goste do movimento gerado pelo excesso de atividades. Essas pessoas também argumentam que gostariam de dispor de mais tempo, mas para acrescentar ainda mais coisas no seu dia a dia. São os casos de Mariana e Flávia:

*Eu acho que se eu sair eu vou sentir falta de trabalhar tanto quanto eu trabalho hoje. (Mariana, 23 anos)*

*Eu gosto do dia movimentado, se eu ficar muito tempo parada, fico muito entediada (Flávia, 23 anos)*

Outro aspecto que, segundo os entrevistados, restringe o tempo é, no caso das mulheres, a dupla jornada. Nara se sente com menos disponibilidade do que gostaria para todos os aspectos da sua vida. Seu dia a dia se divide entre o trabalho, a atividade física, os filhos – tem um filho de dois anos e um de quatro – o marido e o lazer. Manifesta vontade de voltar a estudar, quando cita cursos em sua área para os quais vê menor possibilidade de se inscrever que seus colegas de trabalho, ou os cursos diversos que sua irmã, solteira, consegue fazer. Por outro lado, gostaria de estar mais com os filhos e acompanhar suas rotinas, como as idas ao psicólogo e à natação:

*Tipo, eu to fazendo jornada tripla, voc e tem a sua vida de trabalho, em casa, eu me sinto sobrecarregada, me sinto muito sobrecarregada.*

Teresa chega a propor uma volta ao passado e gostaria de experimentar a realidade de poder não trabalhar. Ela não é a única entrevistada que manifesta essa frustração:

*Eu acho que a mulher se ferrou na dupla jornada (Simone, 32 anos)*

*Hoje em dia, 95% das minhas amigas, de todas as tribos, falam que se pudessem não trabalhar não trabalhariam, pra ficar em casa. (Teresa, 27 anos)*

Por outro lado, há quem argumente que é também fonte de *status* declarar-se sem tempo. Como as pessoas se cobram sucesso em tantas áreas, não ter tempo é visto, muitas vezes, como sinal de sucesso:

*“Pô, esse cara não tem tempo pra nada, esse cara deve ser importante”. A pessoa que quer se valorizar fala assim: “Não tenho tempo pra nada”. A desculpa mais aceita de você dar: “Poxa, eu to enroladíssima” (Amanda, 29 anos)*

Conclui-se, portanto, a partir da segunda consequência dos pontos levantados, a também segunda proposição relacionada ao tempo disponível:

Prop. 4b) A cobrança por sucesso e o excesso de atividades desenvolvidas ao mesmo tempo fazem a geração Y perceber-se com menos tempo do que as gerações anteriores.

#### 4.2.2.3.Os relacionamentos

O hábito de fazer coisas ao mesmo tempo dá indícios de refletir nas relações dos entrevistados. Alguns declaram que eles próprios não mantêm relacionamentos duradouros, enquanto outros vêem esse comportamento de forma rotineira entre as pessoas da sua geração. Segundo sua percepção, isso acontece tanto na vida profissional como na vida afetiva:

*Pode ser entre amigos, amizade, casamento, relação de trabalho... acho que não tem mais uma proposta de você pensar assim: “Eu vou continuar nisso por mais tantos anos”. (Patrícia, 24 anos)*

Na vida profissional, essa característica manifesta-se nas constantes trocas de trabalhos pelas quais passam. Alguns afirmam que se troca de emprego hoje com muito mais frequência e facilidade do que se fazia no passado.

*O emprego não é o que eu imaginava, você não espera nem pra ver se vai chegar ao que você imaginava (Flávio, 30 anos)*

Outro reflexo desse comportamento é percebido nas relações afetivas. Os relacionamentos afetivos são entendidos, de maneira geral, como sendo mais inconstantes. Os entrevistados alegam que as pessoas, hoje, desfazem-se de seus casamentos ou namorados com mais frequência do que se fazia no passado:

*É só ver a facilidade que o pessoal troca de relacionamento. (Carlos, 28 anos)*

Segundo eles, o reflexo disso são as separações e divórcios, bem como a prática de “ficar” com muitas pessoas. Acreditam que a falta de tempo e o hábito de fazer várias coisas ao mesmo tempo são também responsáveis por tantos relacionamentos passageiros. Twenge (2006) menciona o hábito de “ficar” como sendo um indício do comportamento afetivo e sexual que ela considera permissivo dessa geração:

*E tem uma coisa que é massificada na minha geração que é a história de ficar: as pessoas às vezes têm uma espécie de programação genérica de como abordar e ficam só naquele dia, então tem essa alta rotatividade. (Débora, 24 anos)*

Segue, portanto, a terceira proposição relacionada à competitividade:

Prop. 4c) A pressão para o sucesso que a geração Y se impõe faz com que ela considere seus relacionamentos mais inconstantes do que os das gerações anteriores

Por fim, as trocas constantes de relacionamentos profissionais e afetivos trazem algumas conseqüências para essa geração.

Em relação ao aspecto profissional, embora argumentem que acham importante o acúmulo de diferentes experiências, conhecimentos e informações obtidas pela passagem por diversas empresas e setores, freqüentemente admitem que esse tipo de comportamento lhes transmite insegurança. São freqüentes os relatos de pessoas que não confiam nas empresas onde trabalham e têm a sensação de que são descartáveis e podem ser dispensados a qualquer momento.

*Eu acho que tem uma insegurança em relação ao futuro das pessoas, profissional. As pessoas são jogadas fora, então tem muito dessa coisa de você não saber do dia de amanhã (Patrícia, 24 anos)*

Nara, embora tenha um emprego considerado mais estável, em uma instituição bancária do governo, sente que outras pessoas do seu trabalho demonstram ter mais flexibilidade e disponibilidade que ela, o que é percebido pela entrevistada como uma desvantagem competitiva:

*É chato, entendeu, porque você tem outras pessoas que estão disponíveis ali.*

No que diz respeito à vida afetiva, há entrevistados que afirmam nutrir o desejo de resgatar valores antigos. Tanto entre homens como entre mulheres, não são poucos os que adotam um discurso tradicional a esse respeito.

*Se for parar pra pensar, todo mundo vai querer casar com uma mulher mais direita (Bernardo, 26 anos)*

*Acho que alguns valores tão voltando hoje em dia, porque eu acho que as pessoas viram o quanto as pessoas sofreram pelo não uso desses valores (Teresa, 27 anos)*

*Eu não tenho nada de desapegado, de mulher moderna, eu acho que isso é uma falsa propaganda (Simone, 32 anos)*

Há ainda outros que percebem um movimento de sua geração no sentido de querer desenvolver uma família dentro de moldes mais tradicionais, não só em relação à estabilidade do casamento como em relação à criação de seus filhos. Para as mulheres, essa questão ainda apresenta um agravante, uma vez que se sentem tendo que enfrentar o dilema entre educar os filhos da forma que consideram mais apropriada ou estabelecer uma carreira profissional que lhes permita usufruir de segurança e independência financeira:

*Eu quero dar uma parada quando casar, também: eu quero trabalhar menos, quero ter filhos (Simone, 32 anos)*

*As pessoas sofrem muito com filho, querem ter tempo pra cuidar (Teresa, 27 anos)*

Por fim, Amanda conta não ver pessoas dizendo que não querem se casar. Para ela, o desejo de resgatar valores não é raro entre os membros de sua geração:

*As pessoas que tão na minha faixa etária, eu não vejo ninguém que fala que não quer casar, que não quer ter um namorado pra casar*

Chega-se, então, à quarta proposição relativa à competitividade:

Prop. 4d) As freqüentes trocas de ocupação e relacionamento aliadas à sensação de falta de tempo fazem a geração Y se perceber mais ansiosa e insegura do que as gerações anteriores

Essas duas proposições sugerem inconstância, insatisfação e insegurança junto à geração Y. Dessa forma, caracteriza-se o segundo aspecto relacionado à competitividade dessa geração:

## ANSIEDADE

São identificados, portanto, os dois comportamentos relativos à competitividade da geração Y que foram sugeridos por esse estudo: ambição e ansiedade. A combinação dos dois sugere que a geração Y tende a se comportar de maneira competitiva, buscando sucesso em diferentes áreas de suas vidas de forma tão intensa, a ponto de terem a sensação de ansiedade no seu dia a dia.

Em outras palavras, aliando-se a ambição, ou seja, o desejo de conseguir resultados melhores do que acreditam ter sido esperado das gerações anteriores, à instabilidade dos relacionamentos e à ansiedade e frustração decorrentes, estabelece-se a segunda característica da geração Y:

## PROPENSÃO À COMPETITIVIDADE

Dessa forma, monta-se a segunda relação levantada por esse estudo, representada na Figura 10:



Figura 10: Geração Y e competitividade  
 FONTE: A autora

### 4.3. Centralidade

A centralidade é a terceira característica do individualismo a ser estudada em relação ao comportamento da geração Y. Associada ao hedonismo, centralidade foi definida como foco voltado para o indivíduo. Em uma situação de centralidade, o indivíduo, suas necessidades e conquistas são o ponto principal de atenção, enquanto os grupos de que faz parte exercem papel periférico. Essa é a abordagem mostrada por Triandis e Eunkook (2002), para quem o indivíduo é tido como mais ou menos estável (atitudes, personalidade, direitos) e o ambiente à sua volta é mutável e instável.

Nesse estudo, a análise da centralidade foi dividida em duas categorias para avaliação.

A primeira categoria é a superficialidade, definida como “compor relações numerosas, diversificadas, instáveis, pautadas por interesse pessoal e imediato e percebidas como superficiais e descartáveis; impaciência com o outro” (seção 3.5). Em uma situação de centralidade, como maior importância é atribuída ao interesse individual, as relações tendem à superficialidade e à instabilidade. Pessoas individualistas tendem a desenvolver maior número de relações, porém mais superficiais (Triandis e Eunkook, 2002). Essa categoria foi avaliada em dois aspectos:

O primeiro aspecto é a superficialidade propriamente dita e refere-se à forma como a geração Y vê suas relações sociais, afetivas e profissionais. Esse primeiro aspecto avaliou se os indivíduos da geração Y percebem suas relações como sendo predominantemente superficiais, ou seja, o grau de aprofundamento que percebem em suas relações.

O segundo aspecto da superficialidade investiga a paciência dessa geração e avalia se seus integrantes se percebem mais ou menos impacientes com as outras pessoas, com o trabalho, com os amigos, ou seja, mais impacientes de maneira geral. Fischer (2008) afirma que, no individualismo, o sujeito tem liberdade para associar-se ou desassociar-se a diferentes grupos, sendo essa escolha exclusivamente pessoal. Este estudo avalia se as pessoas da geração Y se vêem propensas a desenvolver seus relacionamentos diversos – profissional, afetivo e social – objetivando sua maior duração ou se percebem que tendem a descartar as coisas com facilidade.

A segunda categoria da centralidade é o exibicionismo, definido como “divulgar ou expor constantemente o dia-a-dia e as conquistas”. Aqui, avalia-se se os integrantes da geração Y procuram estar no centro das atenções, exacerbando o culto ao indivíduo. É fato que, de posse da internet como ferramenta, a geração Y tem acesso a maior número de pessoas. Avalia-se aqui se essa geração usa esse acesso para divulgar suas conquistas e expor seu cotidiano, a fim de acumular relacionamentos ou de conquistar maior visibilidade para si.

Nesse estudo, o exibicionismo foi dividido, também, em dois aspectos: o primeiro é relativo ao dia a dia, ou seja, a exposição do cotidiano. O segundo aspecto trata da exposição das conquistas, isto é, o exibicionismo com o objetivo de mostrar o próprio sucesso.

### **4.3.1. Superficialidade**

Nesse tópico, serão analisados os dois aspectos definidos para superficialidade: a superficialidade propriamente dita nas relações e a paciência com os outros:

#### **4.3.1.1. Superficialidade propriamente dita**

A análise da superficialidade propriamente dita foi também subdividida. Para sua avaliação, foram considerados quatro aspectos: a busca por informações, o profissional, o afetivo/familiar e o social.

##### **4.3.1.1.1. Busca por Informações**

Embora não possa ser classificada como uma forma de relacionamento, a busca de informação é avaliada brevemente nesse capítulo por ter sido um aspecto bastante mencionado a respeito da superficialidade.

O acesso a diversas fontes de informação através da internet é, inegavelmente, uma facilidade dos dias de hoje. No entanto, dois pontos merecem ser mencionados por estarem associados à questão da superficialidade:

O primeiro ponto é relacionado ao conteúdo das redes sociais: o que é relevante e o que não é. Há quem perceba dificuldade para fazer esse tipo de seleção. Essas pessoas alegam que, muitas vezes, informações consideradas irrelevantes ganham importância por estarem sendo discutidas nas redes:

*Você tem hoje que às vezes saber do que tá acontecendo na vida do Fulaninho, é importante porque, afinal de contas, tá sendo veiculado pela rede social. (Débora, 24 anos)*

Oscar, no entanto, introduz uma visão diferente. Para ele, a importância que é dada a assuntos considerados triviais sempre existiu. A diferença hoje é que esses assuntos estão na internet e nas redes sociais. Para ele, a internet é só um meio diferente que as pessoas se acostumaram a usar para falar sobre os mesmos assuntos de que sempre falaram:

*Tu chega no teu trabalho, tu fala do teu café da manhã, do ônibus que tava cheio. Não foi a tecnologia que inventou os assuntos bobos, as pessoas batem papo no trabalho sobre o ônibus, elas vão bater no Facebook. É que você botou na internet parece que você está dando uma dimensão.*

O segundo ponto é quanto à forma de buscar informação. Alguns entrevistados têm a percepção de que, hoje, valoriza-se a quantidade em detrimento da profundidade na informação. Segundo eles, é mais importante para sua geração saber “pouco sobre muito” do que “muito sobre pouco”. Segundo Meredith, Schewe e Karlovich (2002), por ser essa uma geração acostumada a informações rápidas e instantâneas, costumam abandonar a busca por informações que apresentem maior dificuldade.

*É tão fácil saber um pouquinho de cada coisa, só você entrar um pouquinho na internet, uma vez por dia, ler o resumo: um pouquinho de esporte, um pouquinho da política, um pouquinho do... cultura geral, você consegue ter uma conversa decente com qualquer pessoa, não precisa aprofundar muito. (Gustavo, 25 anos)*

*Você aprofundar uma coisa dá trabalho. Eu vejo até às vezes, conversando com algumas pessoas mais velhas, nego começa puxar estória e você fala “não é possível, isso aí é tudo isso sobre um assunto só!”. (Flávio, 30 anos)*

A mesma característica foi observada em relação ao perfil profissional, onde é mais importante conhecer várias áreas, ainda que superficialmente, do que se aprofundar em uma só. Em ambos, predomina o sentimento de que a quantidade em detrimento da profundidade é mais importante:

*Muito melhor sucedido se você tiver cinco centímetros de profundidade no conhecimento. Todo mundo fala isso: “Fulano é um poço de conhecimento, né?” Pra que serve um poço? Só serve para quando não tem água, aí você vai até o poço. (Augusto, 30 anos)*

Por fim, Luciano descreve sua geração como composta de pessoas prioritariamente alienadas e desinformadas:

*O jovem que não assiste jornal, que não lê jornal, o jovem que só quer saber de seriado americano.*

#### **4.3.1.1.2.Vida profissional**

O segundo aspecto a ser avaliado é a vida profissional. No que diz respeito à vida profissional, os entrevistados declaram não manter vínculos com as empresas, no sentido de não se permanecerem no mesmo emprego ou no mesmo setor da empresa por muito tempo.

Por um lado, esse é um comportamento desejável por eles. Entre os entrevistados, há quem afirme que busca percorrer áreas diversas dentro da empresa ou empresas diferentes, a fim de acumular conhecimento. Essa atitude é corrente com a visão de Lancaster e Stillman (2002), que afirmam que essa geração busca fazer várias coisas ao mesmo tempo e se desenvolver em áreas diversas:

*Vou completar um ano lá agora e já to pensando de novo: “Poxa, será que já tem alguma outra oportunidade melhor pra mim, em outra área?” (Mariana, 23 anos)*

*Em um ano, acho que eu fazia quatro áreas. Pra mim foi muito bom porque eu conheci vários chefes, fiz vários trabalhos. É importante mudar. (Bernardo, 26 anos)*

Por trás desse comportamento existe um descompromisso com a empresa. Há quem alegue não estabelecer laços com as empresas ou quem conte situações de pessoas que não o fazem. A prioridade é o interesse pessoal, em segundo plano vêm os objetivos da empresa:

*Sou a favor de ser primeiro você, depois a empresa. (Bernardo, 26 anos)*

*Se uma outra empresa oferecer um ambiente de trabalho bom, salário melhor, condições de trabalho melhores, equipamento melhor, por que não.? (Felipe, 24 anos)*

Por outro lado, muitos acreditam que as empresas são capazes de dispensá-los sempre que acharem mais conveniente e justificam sua postura volúvel em função desse comportamento percebido nas empresas. Para eles, a empresa em que trabalham representa uma etapa para um processo de desenvolvimento pessoal:

*Eu vejo o que é melhor pra mim, caguei pra empresa. Se amanhã tiver que me*

*mandar embora, não vai ser o meu chefe que gosta de mim que... vai vir de cima, então é ele ou é você, você vai fazer o quê? (Bernardo, 26 anos)*

*Daqui a pouco já não serve mais aquela pessoa, já coloca outra pra trabalhar... por uma série de motivos, muitas vezes motivos que são superficiais. (Patrícia, 24 anos)*

Oscar, por exemplo, manifesta seu descompromisso de uma forma diferente. Para ele, que se divide em tantas atividades diferentes, o objetivo perseguido pelas carreiras paralelas é não se prender a nenhuma delas. Dessa forma, pretende manter uma identidade autônoma, desconectada de qualquer profissão que exerça.

*No laboratório, você é médico de fora fazendo residência. Na residência eu era o cara que fazia pesquisa. Na cultura eu era o médico. Fazer um monte de coisas sempre foi um jeito de não estar preso de verdade a nenhuma delas. Tu é médico, tu é roteirista, no fundo tu é um cara, tu não te torna tua profissão.*

Ponto de vista semelhante tem Evandro, que acredita que, ao diversificar suas atividades, conta com mais oportunidades para se sentir seguro, caso seja surpreendido:

*Acho muito ruim você concentrar tudo que você faz numa coisa só, vai que dá problemas o seu departamento acaba, vou ficar desempregado.*

#### **4.3.1.1.3. Vida afetiva e familiar**

O terceiro aspecto diz respeito à vida afetiva e familiar. Aqui são analisados os relacionamentos afetivos – namoros e casamentos – e os relacionamentos com filhos.

Em termos afetivos, um primeiro ponto a ser levantado é a questão dos rompimentos dos vínculos. Essa geração percebe-se como a primeira a vivenciar, desde cedo, a questão dos rompimentos dos vínculos como uma rotina na sociedade. Alguns vêem sua geração como sendo a dos primeiros filhos de pais separados ou de mães que trabalham fora e atribuem a esse fato alguns dos problemas de sua geração:

*Minha geração foi criada muito por empregada, por avós, longe dos pais, então tá uma geração perdida. (Michele, 30 anos)*

Por outro lado, há alguns que percebem maior equilíbrio na própria família de origem. Quando comparam os relacionamentos de seus pais aos relacionamentos afetivos de hoje, costumam citar os pais como exemplo de estabilidade e perseverança:

*Eu fiz uma festa de bodas pros meus pais e o discurso deles para os convidados foi justamente isso, eles falaram que o segredo de um casamento duradouro como o deles foi tolerância. (Juliana, 29 anos)*

Dentre os entrevistados, quase metade deles se encontrava em um relacionamento estável quando foi conduzida a entrevista. Dos dezoito, dois são casados, uma havia mudado para um apartamento com o namorado dois meses antes da entrevista e quatro se declararam noivos. No entanto, ao se referirem aos relacionamentos afetivos de sua geração, percebe-se uma quase unanimidade ao declará-los “descartáveis”.

Além disso, há a percepção de que, hoje, os casamentos acontecem mais tarde, já que as pessoas tendem a esticar seu período solteiro. Para Débora, esse comportamento é uma maneira de parecer mais jovem, já que ela acredita que, hoje, “ser jovem meio que passou a ser um sinônimo de ser solteiro, estar disponível para relacionamentos mais efêmeros”. Os que são casados sentem essa surpresa das pessoas no seu dia a dia:

*Eu acho que todo mundo chega pra mim: “Você tem 24 anos, já é casada! Uau, você é muito doida! (Patrícia, 24 anos)*

Em relação aos namoros, alguns afirmam que o excesso de atividade e interações com outras pessoas dificulta o maior aprofundamento das relações:

*Há vinte anos atrás, quando você conhecia alguém tipo vamos passar um fim de semana juntos, acabou o mundo: só vocês dois e acabou. Hoje em dia, você tá recebendo mensagem, tá recebendo ligação, antes de viajar você já tá falando que vai pra lá, você encontra outras pessoas... e nisso aí eu acho que fica mais difícil você aprofundar essas relações (Carlos, 28 anos)*

Outro efeito do excesso de interações citado pelo entrevistado é o aumento de opções. Para ele, hoje, a oferta de relacionamentos é maior, bem como a facilidade de acessá-las:

*Você olhou pro lado e tem outra pessoa, aí você botou uma carinha triste no Facebook, vem dez milhões de pessoas falar com você.*

Os entrevistados afirmam, também, que a traição é mais freqüente. Na verdade, a questão da traição não foi abordada nas primeiras entrevistas. Ao final da décima terceira entrevista, quando perguntado se havia algum assunto a respeito de sua geração que não tivesse sido abordado, o entrevistado, espontaneamente, citou a questão da traição. Foi a única questão levantada espontaneamente ao final das entrevistas, sugerindo que, ao menos para esse entrevistado, essa é uma característica marcante de sua geração. Nas

entrevistas seguintes, a questão da traição foi abordada pela entrevistadora e gerou opiniões semelhantes dos demais entrevistados. No entanto, é interessante observar que todos que abordaram esse assunto, quando perguntados se já traíram, responderam negativamente.

O fato é que essas pessoas percebem sua geração menos fiel do que percebem as gerações anteriores e esse é mais um sinal que indica que as relações afetivas estabelecidas por eles tendem à superficialidade:

*Há dois tipos de homens: aqueles que buscam a traição e aqueles que traem sob determinadas circunstâncias. Só há esses dois tipos. (Augusto, 30 anos)*

*A gente começou a ficar com uma imagem de homem, que não existe homem fiel. (Flávia, 23 anos)*

*A maioria trai, impressionante. (Gustavo, 25 anos)*

Outros, embora não falem explicitamente em traição, levantam a questão já mencionada do “ficar”, mas não só no sentido de estar apenas rapidamente com alguém. Há quem mencione o problema da falta de intimidade nas relações. Simone, por exemplo, acredita que as pessoas evitam se conhecer e, como outros entrevistados, usa a palavra “descartável” para descrever as relações atuais:

*Eu não sei até que ponto as pessoas estão realmente dispostas a se conhecerem. Eu acho que é uma coisa de ficar, dar um beijo e tal e não tem muito encontro, eu acho que as relações são mais descartáveis, que as pessoas viraram um pouco um produto.*

Há ainda quem fale na questão da banalização do sexo. Para Luciano, o sexo também adquire uma conotação descartável e, como argumenta Twenge (2006), é feito muitas vezes sem o envolvimento emocional que o entrevistado julga necessário:

*O discurso é: o que o sexo significa pra você? É uma coisa banal?*

Em relação aos casamentos, a percepção é semelhante. Embora não seja exceção o desejo de casar-se, os entrevistados percebem os casamentos entre sua geração mais instáveis do que os das gerações anteriores:

*Acho que também a percepção de casamento hoje em dia tá muito diferente, acho que os vínculos estão sendo diluídos muito mais rápido. (Patrícia, 24 anos)*

Por fim, a questão da educação dos próprios filhos é outro ponto levantado pelos entrevistados. Embora nenhum deles tivesse tido filhos, muitos

falam da maneira como pretendem educar os seus. Entre os que abordaram o assunto, todos mantiveram uma posição crítica em relação à forma como percebem que são educados os filhos hoje. A alegação de que os pais de hoje são ausentes é recorrente, tanto entre homens como entre mulheres.

*Os pais tão mais ausentes, querem ter menos trabalho. (Bernardo, 26 anos)*

*Hoje em dia são só jogos eletrônicos, é a maneira mais fácil dos pais conseguirem fazer com que as crianças fiquem quietinhas. “Tu bota a criança parada 15 minutos, já são 15 minutos sagrados”. Olha isso! É um adestramento! (Luciano, 24 anos)*

#### 4.3.1.1.4.Vida social

Em relação à vida social, o capítulo anterior mostrou que essa geração prioriza a quantidade de relacionamentos em detrimento da seletividade. Esse tópico se propõe a investigar o aprofundamento dessas numerosas relações.

O primeiro ponto a ser levantado é justamente relativo à administração da grande quantidade de relacionamentos. Os entrevistados percebem que não é possível criar intimidade com tantas pessoas:

*Como é que dá conta de 1000 amigos, de forma profunda? (Michele, 30 anos)*

O que os entrevistados percebem é que são feitas inúmeras conexões com pessoas que são chamadas de amigos, mas com as quais, na verdade, não compartilham laços mais profundos. São muitas as citações que ilustram esse ponto de vista, de maneiras diferentes. Amanda, por exemplo, descreve a maneira como observa as pessoas se relacionando hoje da seguinte forma:

*Superficial. Sabe aquelas amiguinhas do colégio, que eram a melhor amiga pra sempre? Você tinha amiguinha que você ia depois do colégio pro clube, depois mais tarde adolescente você saía, era a sua melhor amiga pra sempre, aquela que depois que você terminou o colégio, você nunca mais viu? Parece que hoje em dia as pessoas são os melhores amigos pra sempre, mas não são.*

Os entrevistados costumam chamar esses relacionamentos de “galera”, para diferenciá-los dos amigos:

*Amigo é aquele que fica muitos anos, mas são pouquíssimos. Agora, aquele círculo de amizade que a pessoa enche a casa de pessoas, a galera, nem todos são amigos, são conhecidos, colegas, não aprofunda. (Patrícia, 24 anos)*

*Em quantidade eu te digo, aqui, cinco mil amigas minhas agora. Em qualidade são quatro, cinco. (Flávia, 23 anos)*

Para Oscar, ter muitos amigos é uma maneira de, assim como no trabalho, manter sua identidade única e não ter que se aproximar de fato das pessoas.

*Não se comprometendo em nenhum (grupo) tu podes ser um cara solto, talvez tu tenha maior liberdade para ser quem tu queira. Aquele meu esquema: ser amigo de todo mundo, ser amigo de ninguém.*

O segundo ponto diz respeito à disponibilidade para as relações. Os motivos alegados para o não aprofundamento relacionado à falta de disponibilidade são diversos: incluem a falta de tempo, o medo de sofrer frustrações, a preocupação das pessoas com elas mesmas, a dificuldade de se desapegar dos problemas pessoais ou mesmo a fase de vida.

Simone acredita que, mesmo juntas, as pessoas não dividem suas intimidades como faziam no passado por estarem muito centradas em si. Também fala da questão das prioridades. Ela percebe, tanto em relação a ela como em relação às amigas, que o tempo ficou mais curto e a preocupação com os próprios objetivos não permite que haja tempo para maior contato com o círculo de amizades:

*O tempo pra se encontrar, eu acho que realmente diminuiu, cada um tá muito dentro dos seus apartamentos e imersos nas preocupações. Quando eu saio na rua, é muito nítido que as pessoas estão muito imersas em si mesmas do lado das outras. Eu vejo uma situação de um aglomerado de pessoas que não se encontram, mesmo estando juntas.*

A entrevistada cita a música “Sinal Fechado”, de Paulinho da Viola, para ilustrar a forma como percebe as pessoas se relacionando hoje. A letra, reproduzida abaixo, descreve duas pessoas que se encontram rapidamente em um sinal. Elas demonstram o desejo do encontro, mas são levadas pelos compromissos do dia a dia e por seus problemas pessoais, o diálogo decorre de forma ligeira. Para Fernanda, essa letra representa a sensação que tem em relação aos próprios encontros com os amigos:

- Olá! Como vai?
- Eu vou indo. E você, tudo bem?
- Tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?
- Tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?
- Quanto tempo!
- Pois é, quanto tempo!
- Me perdoe a pressa – é a alma dos nossos negócios!
- Qual, não tem de quê! Eu também só ando a cem!
- Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí!
- Pra semana, prometo, talvez nos vejamos... Quem sabe?

- Quanto tempo!
  - Pois é... quanto tempo!
  - Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas...
  - Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança!
  - Por favor, telefone
  - Eu preciso beber alguma coisa, rapidamente...
  - Pra semana...
  - O sinal...
  - Eu procuro você...
  - Vai abrir, vai abrir...
  - Eu prometo, não esqueço, não esqueço...
  - Por favor, não esqueça, não esqueça...
  - Adeus!
  - Adeus!
- (Sinal Fechado, Paulinho da Viola, 1969)

Amanda, por sua vez, levanta a questão do medo de se frustrar, cujo efeito é semelhante e mantém as pessoas centradas em si mesmas. Para ela, a apreensão de sua geração em relação a possíveis frustrações oriundas dos relacionamentos faz com que essas pessoas não se permitam aprofundar os relacionamentos:

*Acho que está acontecendo uma tendência dos relacionamentos serem mais superficiais por uma questão emocional das pessoas estarem menos dispostas a correr risco, a sofrer frustração.*

Alguns entrevistados falam da falta de tempo, mas creditam o menor contato com os amigos não só à falta, mas também à forma de priorização do tempo. Para estes, os aspectos mais urgentes da vida das pessoas, como trabalho e família, acabam diminuindo o tempo disponível para relacionamentos. Com isso, o foco do indivíduo se volta para si e para seus interesses mais próximos em detrimento dos grupos – característica típica do individualismo (Triandis e Eunkook, 2002):

*Se você tem dois grupos para encontrar, um é pessoal, um é profissional, qual que você vai deixar de ir? Normalmente o pessoal que você vai deixar de ir. (Augusto, 30 anos)*

*Hoje em dia, se a gente tem um evento à tarde, se for na hora da localizada de alguém ela não vai. (Flávia, 23 anos)*

Flávio acredita que os encontros são menos freqüentes por causa da fase de vida pela qual sua geração está passando: casamentos, filhos ainda pequenos e preocupações com o trabalho tornam-se empecilho para que as pessoas possam manter a mesma interação social que mantinham quando mais jovens:

*É mais dos rumos que as vidas acabam tomando, de carreira que cada um decidiu escolher, de família. Acho que é mais uma questão de que cada um acaba fazendo da sua vida mesmo (Flávio, 30 anos)*

O terceiro ponto são as amizades por interesse. Já mencionados anteriormente, esses são relacionamentos que têm em comum um hobby ou uma afinidade específica. São pessoas que se conhecem por causa de um interesse comum entre elas, normalmente o único elo existente. Por isso, podem existir por muito tempo sem que se desenvolva maior aprofundamento entre seus integrantes:

*Há pessoas que gostam de fazer isso ou aquilo, então você acaba direcionado, você acaba encontrando pessoas que você não conhece, mas que têm aquilo em comum com você. Há uma impessoalidade. (Augusto, 30 anos)*

Outro tipo citado de amizade por interesse foi aquele em que se pretende tirar algum proveito da relação. Para Bernardo, esse é um tipo de relacionamento que predomina entre os membros sua geração. Nesse caso, a fala do entrevistado ilustra, também, a importância atribuída ao círculo social numeroso como fonte de *status*, fator já mencionado anteriormente:

*Hoje as pessoas são amigas por interesse. “Pô, o Fulaninho é influente, ele tem vários amigos legais, vou ser amigo dele; Ah, Fulaninho é popular, vou ser amigo dele”. (Bernardo, 26 anos)*

O quarto e último ponto levantado, mas não menos importante, é a forma de comunicação. Já foi abordada nesse trabalho a prioridade que essa geração dá às mensagens escritas em detrimento de contatos por voz. Twenge (2006) acredita que a impessoalidade relacionada a esse tipo de contato dá aos membros dessa geração uma sensação de angústia e solidão.

A questão é que, de fato, as relações através do computador são percebidas como mais impessoais do que as relações presenciais.

*Você perde aquela coisa de perceber expressões, de perceber sentimentos que as pessoas tão tentando esconder, que são coisas que criam vínculos entre elas. (Débora, 24 anos)*

Aliada à grande quantidade de relacionamentos, a internet, de fato, parece ser outro fator que cria afastamento entre as pessoas – e conseqüente superficialidade nas relações. Não só a internet, mas a comunicação por texto, em geral, é vista dessa maneira:

*As pessoas se comunicam muito, mas elas conversam pouco: tum tum tum, manda 10 frases pra alguém. (...) Quem se comunica com mil não se comunica com ninguém. (Ângela, 27 anos)*

Alguns acreditam que os contatos virtuais estão, de fato, substituindo os contatos pessoais. Ângela descreve uma nova maneira de se comunicar:

*A parte virtual hoje ocupa uma grande parte da nossa vida: “Ah, mãe, eu encontrei com o meu primo no Orkut!”*

Quando o assunto é celular, a comunicação escrita parece, muitas vezes, superar as ligações. Oscar afirma que, muitas vezes, se comunica por mensagem porque acredita que telefonar tornou-se uma atitude mais invasiva e prefere respeitar a privacidade do interlocutor. É outra maneira de manter certa distância das outras pessoas:

*Isso foi uma coisa das regras de cortesia que mudaram. Parece mais cortês mandar SMS que ligar.*

Esse tópico abordou a questão das relações sociais. Embora hoje as pessoas tenham acesso mais fácil umas às outras e os meios tecnológicos propiciem maior alcance geográfico e quantitativo para as amizades e relacionamentos, esses são percebidos como predominantemente superficiais. Como foi abordado no capítulo de independência, é a possibilidade de a pessoa participar de vários grupos sem que se sinta pertencendo a nenhum deles efetivamente. Sarah resume o sentimento comum:

*Agora o mundo é muito mais global, eu acho que isso é muito interessante na nossa geração. Mas acho que, antes, as pessoas tinham mais essa preocupação, de agir, pensar mais localmente, elas tinham essa coisa também da afetividade maior, de pensar no grupo, de ser amigo do vizinho, sabe? (Sarah, 23 anos)*

Segue, portanto, dessa conclusão, a primeira proposição relacionada à centralidade:

Prop. 5a) As relações estabelecidas pela geração Y são percebidas pelos próprios membros como predominantemente superficiais

### 4.3.1.2.Paciência

Há autores que identificam o individualismo com falta de empatia com o outro (Triandis e Eunkook, 2002). Enquanto no coletivismo existe a preocupação com o grupo acima das necessidades pessoais, no individualismo predomina a preocupação com as próprias necessidades.

Em relação à centralidade, esse estudo avaliou, além da superficialidade propriamente dita, a paciência com o outro. Um fato ocorrido nas entrevistas é que, quando perguntadas sobre tolerância – e o objetivo era investigar a tolerância à diversidade – as pessoas declaravam perceber maior intolerância entre eles porque associavam intolerância à impaciência. A conclusão que se tirou desse fato é que, possivelmente, o problema da impaciência representa uma dimensão importante junto às pessoas.

Nesse estudo, a questão da paciência foi separada em três pontos diferentes: vida profissional, vida afetiva e relação com estranhos.

Twenge (2006) vê essa geração como buscando um trabalho que os satisfaça, muitas vezes imaginando que vão encontrar mais realização do que seria possível. O primeiro aspecto a ser analisado, a (im)paciência em relação à vida profissional, investiga se, uma vez que os membros da geração Y buscam objetivos no trabalho como prazer e realização, eles tendem a ter um nível de tolerância menor com as contrariedades que possam surgir, desistindo com facilidade das atividades a que se propõem.

Uma primeira constatação é que os entrevistados, de fato, afirmam que não estabelecem vínculos com seus empregadores e, portanto, percebem que hoje, diante de qualquer problema, troca-se de emprego com facilidade:

*Eu tenho um amigo que ele é guia também e esse ano ele decidiu que não ia, tipo: eu não vou porque eu não tô satisfeito. Trocaram a direção da empresa, eu não vou poder fazer do meu jeito eu não quero ir – e não foi. (Flávio, 30 anos)*

Para eles, antes a pessoa se adaptava à empresa e hoje, se a empresa não se adaptar ao indivíduo ou não corresponder às expectativas depositadas, troca-se de empresa e procura-se satisfação em outro lugar. É, novamente, a imagem do ambiente mutável e o indivíduo fixo (Triandis e Eunkook, 2002).

Teresa acrescenta outro tipo de impaciência no trabalho: a impaciência com o outro:

*Entra um estagiário no trabalho, não existe você sentar do lado e ficar explicando: meu filho, se vira, se tiver alguma dúvida você me pergunta (Teresa, 27 anos)*

O segundo aspecto é em relação à vida afetiva. É percebido, tanto em relação a casamentos como em relação a namoros, que existe mais impaciência do que havia antes. Os entrevistados declaram que hoje os relacionamentos são rompidos com maior facilidade e, de novo, as pessoas trocam de parceiros diante de qualquer insatisfação.

*Fica um tempo e daqui a pouco ou ele pensa que a mulher não aceita ele ou ele não aceita a mulher em algumas características e aí já procura uma nova pessoa. (Patrícia, 24 anos)*

*Eu acho que as pessoas não toleram muito as coisas que a outra pessoa que você tá convivendo faz que você não concorda. (Teresa, 27 anos)*

*Poucas coisas irritam muito e aí é muito fácil de romper. (Juliana, 29 anos)*

*Tá há dois meses num namoro, fala assim “Ah! Não deu certo”, larga, vai buscar outra, vida que segue. (Flávio, 30 anos)*

Na verdade, esse comportamento não só é percebido nos outros como há entrevistados que se declaram eles próprios mais intolerantes com o parceiro. É o caso de Juliana, que percebe essa sua característica como um problema quando fala sobre dar ou não continuidade a seus namoros:

*A primeira coisa que eu chego em casa pra parar pra avaliar, eu falo: “Tá vendo? Não ia dar certo”. Então isso já demonstra um pouco de intolerância.*

Michele critica esse comportamento quando se refere aos outros. Mas quando fala de si, mostra também sinais de impaciência:

*“Ah, encheu meu saco, separa”. As pessoas não lutam como antigamente, que você não tinha opção.*

*Eu sei que lá na frente eu vou encher o saco, então pra quê eu vou perder tempo?*

Mesmo para entrevistados que estão casados, como o caso de Nara, a falta de paciência com o parceiro é percebida. Para ela, essa impaciência é conseqüência de um excesso de cobranças e de uma vida corrida, sem tempo para se dedicar a aspectos mais importantes:

*Você tá mais cansada e acaba sobrando mais. Até de paciência, tipo “Leo, me deixa em paz um pouco”.*

O terceiro aspecto diz respeito ao relacionamento com estranhos. A percepção de que não há tempo para se dedicar ao outro é recorrente. As pessoas se percebem sem paciência, principalmente no que diz respeito às interações com os estranhos. Segundo Simone, se não há tempo para os amigos, há ainda menos para os desconhecidos:

*Qualquer coisa que seja do alheio, que ocupe o tempo dele, que distraia essa atenção com esse projeto mais individualizado. O outro tá ocupando espaço, tá atrapalhando, “ai ele me encostou”. (Simone, 32 anos)*

São diversas as situações que os entrevistados citam onde a paciência com o outro se torna reduzida. Uma delas é a interação com os mais velhos. Como percebem que os mais velhos têm uma velocidade diferente das pessoas de sua geração, muitas vezes a conversa com estes pode se tornar uma fonte de irritação:

*Chega às vezes um idoso do lado, você vê que tem um outro tempo, aí puxa uma conversa, você: “ah, Meu Deus, eu não queria, eu queria jogar o meu joguinho aqui do celular, eu não queria conversar, que pessoa chata”. (Simone, 32 anos)*

*Se você for conversar com uma pessoa mais velha e ela vai te contar uma história você vai ficar: “Putz, ela fala muito devagar!” (Bernardo, 26 anos)*

Outra forma de manifestar a impaciência com estranhos é através do uso do MP3. Alguns declaram usar o MP3 com o objetivo de manter as pessoas desconhecidas à distância, evitando ter que interagir dando uma informação ou iniciando uma conversa.

*Eu gosto de ouvir (MP3) pra me isolar do mundo mesmo: ninguém me pede nada, ninguém me pede dinheiro, ninguém me pede informação... (Augusto, 30 anos)*

Uma terceira forma mencionada de demonstrar impaciência com o outro é se esquivando de ajudá-lo. Flávia conta que, apesar de se sentir às vezes desconfortável depois de algumas situações, hoje se percebe menos solidária e menos paciente com as pessoas ao seu redor:

*Uma senhora... caiu alguma coisa no chão eu – depois fiquei mal, sabe? – pô, eu não tive paciência de pegar, eu fui embora. (Flávia, 23 anos)*

Ainda uma quarta manifestação dessa impaciência, também sentida no dia a dia, é o que Ângela chama de relação “instantânea”. A entrevistada cita o exemplo de uma visita ao médico, percebida como sendo diferente hoje do que

era há anos atrás. Ela compara os médicos de sua geração aos médicos das gerações anteriores e acredita que os mais velhos tendem a fazer uma consulta mais longa, na qual perguntam sobre a história do paciente, seus hábitos e outros detalhes da sua vida. Hoje, ela percebe que o atendimento é acelerado, o remédio é de efeito rápido e pouco se troca durante a consulta.

*Você vai em médicos – um da minha geração – não olha pra você direito, pega o remédio - se ele tá em dúvida entre o remédio de 250mg e 500mg ou 1grama ele dá logo de um 1grama, pra não voltar mais lá e perturbar mais ele. Sem perguntar em que eu trabalho, o que eu faço, o meu histórico...*

Para a entrevistada, o mundo hoje é definido como “instantâneo”. Na verdade, em sua opinião, essa é a melhor maneira de caracterizar sua geração: tudo instantâneo:

*É tudo instantâneo, ninguém tem mais paciência. A pessoa corre no trânsito pra quê? Tudo é instantâneo, o macarrão é instantâneo, o café é instantâneo, tudo é uma merda, mas é instantâneo. A foto que antes a gente tirava e revelava agora é instantânea, busca na internet - é instantânea; uma pergunta: você não precisa esperar a biblioteca abrir pra ir lá procurar o livro, consultar, conversar com o moço da biblioteca – instantâneo, Aí você vai pra relação instantânea. Então aí vem até a questão do consumo né? O consumo te dá aquele prazer instantâneo, e quando não tem uma coisa assim rápida, fica impaciente, não tá acostumado.*

Simone atribui essa impaciência, prioritariamente, à pressa, mas há quem a atribua à violência:

*Hoje em dia, na rua, você não tem a mesma segurança. Então você tenta até se reservar um pouco pra não dar muita abertura (Luciano, 24 anos)*

*O mundo também tá tão louco, tão violento, que as pessoas acabam se fechando mesmo. (Michele, 30 anos)*

No mais, cabe citar a questão do trânsito, exemplo recorrente quando se fala de paciência:

*Já reparou que as pessoas, elas dirigem como se elas estivessem apostando uma corrida? (Augusto, 30 anos)*

As conclusões obtidas por esse tópico, portanto, permitem afirmar que o segundo componente da superficialidade – a impaciência nos relacionamentos – é observado entre os entrevistados. Segue-se, então, a segunda proposição:

Prop. 5b) A falta de tempo e a superficialidade fazem a geração Y se perceber mais impaciente que as gerações anteriores

A combinação de relações superficiais em geral – trabalho, afetividade e relações sociais – à falta de paciência com situações e pessoas diversas leva ao primeiro aspecto da centralidade:

## SUPERFICIALIDADE

### 4.3.2.Exibicionismo

Ainda em relação à centralidade, a segunda categoria definida foi o exibicionismo. Nesse tópico, foram avaliados dois aspectos:

O primeiro aspecto diz respeito à vida social. Já foi proposto que a geração Y prioriza a quantidade em detrimento da qualidade no que diz respeito às relações sociais. Foi proposto, também, que suas relações são prioritariamente reconhecidas como superficiais. No tópico atual, foram avaliados sinais de exibicionismo demonstrados por essa geração em relação ao seu comportamento social, usados com a finalidade de se posicionar no centro das atenções.

O segundo aspecto aplica-se à vida profissional e as conquistas adquiridas e investiga a necessidade de expor seu sucesso a fim de adquirir reconhecimento.

#### 4.3.2.1.Cotidiano

Twenge (2006) classifica essa geração como tendo um comportamento exibicionista, expondo seu cotidiano sem embaraço. Strauss e Howe (2000), por sua vez, acreditam que essa geração é mais reservada do que a anterior.

Quando questionados a esse respeito, os entrevistados tendem a afirmar que observam uma tendência à exposição exagerada da vida das pessoas, principalmente nas redes sociais. Para Patrícia, esse é um comportamento recorrente ente as pessoas de sua idade:

*Tá na moda se expor. (Patrícia, 24 anos)*

As opiniões variam. Embora haja acordo em relação ao desejo predominante observado de expor informações na internet, alguns criticam a forma como as pessoas expõem seu dia a dia na internet, enquanto outros admitem que gostam de divulgar informações a seu respeito para os amigos:

*Até no trabalho eu posto alguma coisa. (Teresa, 27 anos)*

*Acho ridículo, eu acho que tem muita necessidade de se expor, de mostrar o que tá fazendo. O MSN é todo assim: vendo "Lost". (Flávia, 23 anos)*

No entanto, em outro momento da entrevista, a própria Flávia conta que, quando joga vôlei com as amigas, gosta de compartilhar informações nas redes sociais:

*Sempre coloco no Twitter os placares, me amarro.*

A divulgação de informações pessoais na internet parece mesmo ser um comportamento cuja aprovação é um pouco conflitante. Enquanto todos os entrevistados alegaram ver excessos na exposição na internet, muitos admitiram gostar de colocar informações online:

*Eu gosto de estar em exposição, de ter umas fotos de divulgar mais ou menos o que tá acontecendo pra um determinado grupo de pessoas. (Débora, 24 anos)*

Um dos motivos alegados pelas pessoas para a superexposição na internet é a busca de fama. De fato, Twenge (2006) pontua que essa geração deseja ter fama – e a fala de alguns entrevistados realmente reforça essa observação da autora:

*As pessoas têm se exposto muito e desejam se expor muito, é a fama, a fama acho que atrai muita gente. (Luciano, 24 anos)*

Há quem perceba maior banalização da fama hoje do que no passado. Alguns apontam a facilidade com que desconhecidos se tornam famosos graças às oportunidades oferecidas pela internet e, principalmente, pelas redes sociais, argumentando que essa é uma especificidade dos dias de hoje. Para eles, a internet representa uma forma de se promover sem custos:

*Você tem pessoas que ficam famosas porque têm um blog falando da obra na casa delas de um jeito engraçado. (Débora, 24 anos)*

*Qualquer pessoa que faz alguma coisa esdrúxula hoje em dia vira uma pessoa famosa. (Teresa, 27 anos)*

Para outros, não é exatamente o desejo de fama que faz com que as pessoas se exponham em demasiado. Flávia menciona a preocupação com a popularidade – refletida na quantidade de amigos e de acessos recebidos na internet. Na verdade, esse não deixa de ser um tipo de fama, só que abrange um universo mais reduzido. Quando perguntada se percebe o desejo das pessoas serem famosas, Flávia responde da seguinte forma:

*Acho que não serem famosas, mas popular no meio do grupo social, ser conhecida, bem falada, ter muitos amigos. Só de você já tá bem no meio social, eu acho que já satisfaz bastante.*

Outra abordagem para a necessidade de exposição e de mostrar muitos relacionamentos na internet é associada às carências internas, em detrimento da popularidade junto aos outros. Sarah menciona a necessidade que percebe nas pessoas de mostrar, não só para os outros como para si mesmas, um excesso de amigos virtuais.

*Eu acho que as pessoas ficam tentando provar pra elas mesmas, principalmente as pessoas mais solitárias, tipo: “Olha quantos amigos eu tenho! Eu sou uma pessoa legal, eu tenho muitos amigos”.*

Há quem compare a exposição na internet aos reality shows, hoje mais diversificados e populares. Para eles, essas diferentes manifestações de exibicionismo se confundem no comportamento das pessoas e fazem com que precisem estar sempre conectadas com os outros, expondo informações que muitos julgam que deveriam ser de caráter pessoal. Como afirmam que as redes sociais são uma coleção de conhecidos, não de amigos, o que percebem é a divulgação de uma imagem cujo objetivo é parecer popular e atraente a fim de conquistar um número sempre crescente de relacionamentos.

*Eu acho que uma das grandes provas que as pessoas estão dispostas a se expor são esses reality shows, eu acho que as pessoas não têm pudores hoje em dia em estarem o tempo todo vigiadas (Luciano, 24 anos)*

Há também o outro lado da exposição nas redes sociais. As pessoas gostam não só de serem vistas e consideradas populares, como também alimentam esse processo procurando pessoas famosas nas redes sociais:

*Eu gosto de... Luciano Huck. Ele não vai me dar informação, mas ele me dá conteúdo ali da vida dele, eu acho interessante saber o que ele tá fazendo. (Teresa, 27 anos)*

Patrícia relaciona a busca pela fama ao interesse pelo cotidiano de famosos e não famosos e afirma que o excesso de exposição é consequência da necessidade do espelhamento das pessoas em figuras públicas:

*As pessoas querem observar muito a vida do outro, tomar conta da vida do outro como se fosse um espelhozinho: “Será que faz igual a mim?”*

Alguns atribuem um maior conforto com a superexposição nas redes sociais à ausência de contato presencial. Uma vez que a pessoa está menos sujeita a receber opiniões desfavoráveis, ela tende a se sentir mais confortável para expor pontos de vista e comentários que poderiam deixá-la constrangida se o fizesse pessoalmente.

*Eu vou por na internet, eu não vejo quem ta vendo, se ta vendo, se ta gostando. Eu acho que é um pouco de: “Ah, eu exponho pro mundo sem precisar receber feedback”. (Mariana, 23 anos)*

Outra forma de se expor mencionada em entrevistas é a exposição intelectual, representada pelos *blogs*.

*Às vezes a pessoa quer ser expor, não entende nada de nada, ela faz um blog e vira uma pessoa que influencia a opinião dos outros (Patrícia, 24 anos)*

Uma característica apontada por alguns entrevistados é a imagem que freqüentemente as pessoas projetam de si nas redes sociais. A constante exposição de fotos, histórias e comentários são exemplificados por Ângela através de um relato fictício a respeito de uma viagem de férias, onde a narrativa conduz a uma felicidade projetada que acaba sendo absorvida mesmo por quem está projetando essa imagem:

*Como assim, você ir e não tirar foto? Como é que você vai tirar onda com os outros que você foi? (...) “E aí como foi o seu final de semana?” “Pô! Muito bom, fui pra Angra, andei de jet ski, andei de lancha...”. Pode ter sido péssimo, mas ele vai mostrar as fotos da lancha e ele mesmo vai comprar a felicidade que ele tá vendendo.*

Para Simone, a internet representa a oportunidade ideal para transferir o foco que ela percebe concentrado no indivíduo para o mundo, ao permitir que se exponha o dia a dia para muitas pessoas e receba-se retorno a respeito de acontecimentos banais do cotidiano:

*Eu acho que o Facebook tem alguma coisa de exacerbação do eu, a pessoa consegue dividir a sua intimidade, a publicização do privado. Assim: estou chateada, eu tive um pensamento, então é um eu inflado, é um espetáculo do eu. (Simone, 32 anos)*

Foram enumeradas três conseqüências negativas percebidas pelos entrevistados oriundas desse excesso de exposição, principalmente nas redes sociais. A primeira delas, já insinuada nas falas de alguns deles, é a questão da privacidade:

*Acho que fica total falta de privacidade, eu não faria isso, mas muita gente faz. (Gustavo, 25 anos)*

A segunda delas, associada à exposição da privacidade, é quando são veiculadas informações que, de alguma forma, podem ser prejudiciais às outras pessoas envolvidas, como no caso de Teresa e o namorado:

*Teve uma vez que a gente voltou de viagem e ele tinha falado no trabalho que ia voltar no domingo – e a gente voltou na sexta. E aí, eu cheguei, a primeira coisa que eu faço: Ah, de volta no Rio.*

Para João, por exemplo, que dá aulas em um colégio no Rio, a própria exposição na internet poderia ter um caráter prejudicial para sua vida profissional:

*Você dá zero para um aluno, aí tem uma foto lá no seu Orkut, você em um churrasco bêbado. Aí, o pai do aluno fala: “Como é que esse cara aqui tem autoridade pra dar zero pro meu filho?”*

A terceira conseqüência é a questão da segurança: o problema da informação que, uma vez veiculada na internet, torna-se pública e não pode mais ser retirada:

*As pessoas colocam muitas coisas no YouTube e qualquer pessoa do mundo pode acessar, pode te ver, há programas que podem gravar, pode ser enviado e até alterado. Só de você assumir esse risco, você já se mostra disposto a se expor. (Luciano, 24 anos)*

*Aquela foto que você tá bêbado com um monte de amigo, no trabalho isso vai ser um problema, e aquela foto que você tava com aquela menina fazendo sei lá o quê, e a sua namorada hoje em dia não vai gostar nem um pouco de ficar vendo isso na internet. (Carlos, 28 anos)*

De forma mais generalizada, Oscar argumenta que a exposição e o exibicionismo sempre existiram. Para ele, quando alguém usa uma roupa mais elaborada ou mesmo pinta a fachada de sua casa está, de certa maneira, demonstrando traços de exibicionismo e o que muda com a introdução da internet é o alcance que esse comportamento vai atingir:

*Hoje em dia, tu cultiva uma auto-imagem para o mundo em geral, tu põe o teu perfil lá e isso é para todo mundo, tu sabe que tu fala, não sabe para quem.*

Segue, portanto, a primeira proposição relativa ao exibicionismo:

Prop. 6a) A pressão por sucesso social faz com que a geração Y exponha seu cotidiano na internet

#### 4.3.2.2. Conquistas

Em relação ao segundo aspecto, a vida profissional e financeira, este é visto como estando mais associado aos homens. Os entrevistados tendem a perceber os homens com maior necessidade de expor suas conquistas, tais como seus novos empregos, hobbies, viagens ou mesmo compras de bens.

*Tem que deixar claro que tem, assim “Ah, eu sou bem sucedido, então eu tenho dinheiro, esse é o meu carro novo, comprei um carro zero essa semana”, entendeu? Vai muito da questão do ego mesmo de se sentir bem, mostrando que tem e que pode. (Flávio, 30 anos)*

Mesmo fora da internet, há quem perceba a necessidade de divulgar as conquistas de maneiras diferentes:

*“Pô, eu fui promovido e to ganhando, sei lá, sete mil, eu não vou mostrar pra ninguém, não vou esbanjar?” Ah, não, o cara vai e dá um festão (Flávio, 30 anos)*

Os itens mais freqüentemente citados como símbolos de *status* e, portanto, os que parecem ser mais divulgados, principalmente nas redes sociais, são carros e imóveis:

*Tem um amigo meu, tá ganhando maior grana, comprou carro zero e botou, “comprei com Cross Fox”, aí botou a foto do Cross Fox. “Nossa, olha a minha casa nova”, aí botou a foto da casa nova. Ele foi se estabelecendo e botando lá realmente pra se expor. (Flávio, 30 anos)*

A dinâmica da exposição das conquistas e do sucesso financeiro é bastante semelhante à da vida social. O objetivo final é que se atinja um grande número de pessoas – é onde se encaixa o papel das redes sociais:

*A partir do momento que você tem essa exposição maior, não são só oito vizinhos que estão vendo, são várias pessoas, várias, várias pessoas. (Ângela, 27 anos)*

De forma semelhante, os maiores problemas levantados por esse tipo de superexposição estão relacionados à falta de privacidade e segurança. Carlos, ele mesmo profissional da área de segurança em internet, descreve sua preocupação com esse aspecto da seguinte forma:

*Mas... a Receita agora tá começando a olhar suas fotos também porque eles conseguem identificar as faces que estão na internet, e você tá com um veleiro atrás de você que você fala que é seu – e aí? Será que, como você não declarou isso o seu Imposto de Renda...*

Dessa forma, chega-se à segunda proposição relacionada ao exibicionismo:

Prop. 6b) A pressão por sucesso profissional e financeiro faz com que a geração Y exponha suas conquistas na internet

A combinação de diferentes formas de superexposição – a exposição da vida pessoal a fim de corresponder à pressão por popularidade e a exposição das conquistas financeiras e profissionais a fim de corresponder à pressão por *status* financeiro – pode ser ilustrada pelo discurso de Simone. Ela avalia a forma de reconhecimento que as pessoas procuram como uma constante busca por identidade espelhada na imagem que se projeta a partir do que se convencionou como ideal:

*A subjetividade agora é um pouco especular, as pessoas querem tentar achar marcadores pra conseguir fazer: “Não, eu sou assim”. Não tem essa imersão que antes tinha, eu acho que agora as coisas acabam sendo mais pra fora.*

As conclusões desse tópico levam, portanto, à segunda característica da centralidade:

## EXIBICIONISMO

Identificaram-se, portanto, nesse capítulo, dois outros comportamentos ligados à geração Y. O primeiro, a superficialidade, inclui a falta de profundidade e a impaciência com as relações de uma maneira geral. O segundo, a necessidade de expor as conquistas profissionais e a vida pessoal de maneira considerada por muitos como demasiada, a fim de adquirir *status* e, com isso, uma imagem de sucesso e popularidade. Esses dois aspectos representam a questão da valorização do indivíduo, isto é, o indivíduo passa a se posicionar no centro das preocupações.

Chega-se, dessa forma, à terceira característica da geração Y relacionada ao individualismo:

## PROPENSÃO À CENTRALIDADE

Dessa forma, cria-se a terceira e última relação levantada por esse estudo, representada na Figura 11:



Figura 11: Geração Y e centralidade  
FONTE: A autora

#### 4.4. Individualismo

A grande mudança apontada pelos entrevistados na forma de se comportar e de se relacionar da geração Y costuma estar invariavelmente relacionada à internet. Na verdade, a grande mudança trazida pela internet está diretamente associada à forma de comunicação. O que a internet parece ter contribuído e estimulado no relacionamento dessas pessoas é a questão da comunicação.

Ela atribui maior independência a seus usuários, a partir do momento em que permite que, sem o auxílio de terceiros, informações sobre os mais diversos aspectos da vida possam ser levantadas sem dificuldade, como a busca por notícias, consumo, trabalho, lazer, relacionamentos e outros tantos atributos da vida de cada um.

Além da facilidade para a busca, o próprio alcance dessas informações passou a ter maior abrangência. Hoje, é possível estabelecer contato com mais pessoas ao mesmo tempo em localidades tão remotas como qualquer ponto do planeta.

Em paralelo, a percepção de um cotidiano mais atribulado e com menos tempo para fazer as tantas coisas que parecem ser requeridas são

características da vida dessas pessoas e, muitas vezes, são percebidas como excesso de ambição – uma vez que as pessoas se vêem desejando mais do que é possível ter – e fator de ansiedade – ao perceberem que suas metas são superestimadas.

Quando se aborda a questão do individualismo, o ponto central é a falta de um núcleo representado por um grupo de referência. Segundo os autores pesquisados, a característica principal do individualismo é o foco no indivíduo em detrimento do grupo.

Os três pontos levantados por esse trabalho – propensão à independência, à competitividade e à centralidade – são ilustrativos dessa característica.

A independência é fator importante para que não haja a necessidade de pertencimento a um grupo. A partir do momento em que as pessoas podem executar a maioria das tarefas de forma independente e se propõem a desenvolver as atividades de forma individual, o grupo perde o caráter mandatário característico do coletivismo.

Por outro lado, a questão da centralidade conjuga a superficialidade e o exibicionismo. A superficialidade exerce o papel de enfraquecimento dos vínculos, tanto familiares quanto profissionais e sociais. De acordo com entrevistados, quando o indivíduo desenvolve relações diversificadas buscando menor dependência de grupos específicos, percebe-se como não pertencente a nenhum grupo fixo, criando uma identidade única cuja tendência é gravitar por grupos diferentes. Através do exibicionismo, na forma como é manifestado através da internet, agrega então esses grupos em torno de si mesmo, caracterizando a centralidade no indivíduo.

Por fim, a competitividade encarrega-se de fazer com que as pessoas busquem altos padrões de identidade, nesse estudo identificados como ambição profissional/financeira, pessoal/estética e social, que as mantenham em contato com as necessidades que percebem para o sucesso individual. No entanto, essa busca de sucesso individual constante faz com que se percebam sobrecarregadas e inconstantes, processo que parece ser ainda mais estimulado pela centralidade.

Esses três pontos levantados nas entrevistas desse estudo convergem para o modelo final apresentado na Figura 12, que sintetiza a questão da geração Y relacionada ao individualismo:



Figura 12: Modelo para análise do comportamento da geração Y frente ao individualismo  
FONTE: A autora

O modelo final, representado pela Figura 12, inclui, portanto, os três aspectos considerados fundamentais do individualismo: independência, competitividade e centralidade e cada uma de suas categorias. No Quadro 12, consta um breve resumo das definições utilizadas para cada categoria:

<b>INDEPENDÊNCIA</b>	<b>Atributo que proporciona ao indivíduo autonomia para conduzir tarefas e comportar-se da maneira que lhe convier.</b>
Auto-suficiência	Tirar proveito dos diferentes meios disponíveis com o objetivo de adquirir autonomia.
Singularidade	Formar a identidade a partir da própria seleção entre as diversas atitudes e comportamentos disponíveis.
<b>COMPETITIVIDADE</b>	<b>Necessidade constante de obter sucesso, distinção e reconhecimento em diferentes aspectos da vida</b>
Ambição	Buscar avidamente objetivos profissionais, financeiros, estéticos e sociais.
Ansiedade	Sentir insegurança por fazer várias coisas ao mesmo tempo e achar que nunca dispõe de tempo suficiente.
<b>CENTRALIDADE</b>	<b>Dinâmica em que o objeto ou indivíduo permanece fixo e central enquanto o ambiente à sua volta é mutável e instável. O ambiente adapta-se ao indivíduo.</b>
Superficialidade	Compor relações numerosas, diversificadas, instáveis, pautadas por interesse pessoal e imediato e percebidas como superficiais e descartáveis; impaciência com o outro.
Exibicionismo	Divulgar ou expor constantemente o dia-a-dia e as conquistas,

Quadro 12: Definições das categorias do modelo proposto  
FONTE: a autora